

ESPIRITISMO

ESTUDO SISTEMATIZADO

MÓDULO 1

**MATERIAL DIDÁTICO
PARA CURSO ONLINE
DO PORTAL LUZ ESPÍRITA**



LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

ESPIRITISMO – ESTUDO SISTEMATIZADO

Equipe Luz Espírita

Material didático para curso online do Portal Luz Espírita

Edição revisada de maio, 2011

Distribuição gratuita



**MATERIAL DIDÁTICO PARA
CURSO ONLINE DO
PORTAL LUZ ESPÍRITA**

ESPIRITISMO

ESTUDO SISTEMATIZADO

MÓDULO 1



	MÓDULO I
1ª lição	FENÔMENOS Breve histórico de manifestações espirituais – O surgimento da Ciência Espírita <> “Conhecerão a Verdade e a Verdade os libertará”
2ª lição	HYDEVILLE E MESAS GIRANTES As irmãs Fox – Espetáculos espirituais – Investigações sérias <> A Sabedoria
3ª lição	ORIGEM DA DOCTRINA ESPÍRITA Os primeiros estudos modernos da espiritualidade – Allan Kardec e a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas – Terminologia (Doutrina Espírita, Espiritismo, espiritualismo, espíritas, espiritistas) <> O Consolador prometido
4ª lição	O CODIFICADOR E O MÉTODO KARDEQUIANO A formação do professor Rivail – O método científico de Kardec aplicado ao Espiritismo – A missão <> Fora da Caridade não há salvação
5ª lição	REVELAÇÃO ESPÍRITA O testemunho dos Espíritos sobre Deus, imortalidade, perispírito, reencarnação, livre-arbítrio, evolução e a Moral Cristã <> A Terceira Revelação
6ª lição	TRÍPLICE ASPECTO DO ESPIRITISMO Espiritismo, como Ciência, Filosofia e religião – Conflito entre religião e ciência <> Espiritualidade interna e externa
7ª lição	MEDIUNIDADE Médiuns pesquisados por Kardec – Sensibilidade natural e desenvolvida – Responsabilidades e complicações <> “Doem de graça o que de graça receberam”
8ª lição	CODIFICAÇÃO ESPÍRITA As Obras Básicas do Espiritismo <> Missão dos Espíritas
9ª lição	O LIVRO DOS ESPÍRITOS Estudo dirigido sobre a obra <> Sejam perfeitos
10ª lição	O LIVRO DOS MÉDIUNS Estudo dirigido sobre a obra <> Sobre os Médiuns
11ª lição	O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO Estudo dirigido sobre a obra <> O Evangelho no Lar
12ª lição	O CÉU E O INFERNO Estudo dirigido sobre a obra <> A felicidade não é deste mundo
13ª lição	A GÊNESE Estudo dirigido sobre a obra <> Ciência e Religião
14ª lição	OBRAS COMPLEMENTARES DE ALLAN KARDEC “REVISTA ESPÍRITA”, “O QUE É O ESPIRITISMO” e “OBRAS PÓSTUMAS” <> O chefe do Espiritismo
15ª lição	PRÁTICA ESPÍRITA Experimentação científica – Evangelização – Institucional <> Purificação íntima

APRESENTANDO A DOCTRINA ESPÍRITA

1 – CONCEITO E OBJETIVO

Cada ramo da Ciência se especializa num determinado escopo: a Aritmética cuida das operações numéricas; a Anatomia perscruta a organização interna dos corpos; a Química trata da constituição da matéria; a Astronomia observa o Universo Sideral e as relações dos corpos celestes.

A **Doutrina Espírita** ou **Espiritismo** é, antes de tudo, uma ciência que estuda o Mundo Espiritual, os Espíritos e as relações destes para com o plano físico (nosso estado atual). De caráter prático (científico), examina a natureza desse plano espiritual e as propriedades das manifestações (causas, meios de ação e efeitos).

Allan Kardec assim a definiu:

“O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.”

(O QUE É O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Preâmbulo)

“Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual.”

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. I, Item 16)

Observando a importância e complexidade dos seus conceitos, reconhecemos então a necessidade de estudar a doutrina com lucidez e perseverança, tal como se faz para se aprender qualquer ciência.

“Um curso regular de Espiritismo seria professado com o fim de desenvolver os princípios da ciência e de difundir o gosto pelos estudos sérios. Esse curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos, capazes de espalhar as ideias espíritas e de desenvolver grande número de médiuns. Considero esse curso como de natureza a exercer capital influência sobre o futuro do Espiritismo e sobre suas consequências”.

(OBRAS PÓSTUMAS, Allan Kardec – 2ª Parte, *Projeto 1868*)

Portanto, todo aquele – e somente aquele – que propõe a si mesmo estudar a Doutrina e a buscar a sua reforma íntima, mediante os conceitos do Espiritismo, será conhecido por **Espírita**, ou **Espiritista** (mais usado na língua hispânica).

Esse o objetivo deste trabalho: proporcionar mais uma oportunidade de estudo espírita aos verdadeiros interessados em conhecer, comparar e comprovar a lógica e a veracidade dos ensinamentos trazidos pelos Missionários da Luz.

2 – TERCEIRA REVELAÇÃO

Os Espíritos trouxeram a Terceira Revelação das leis de Deus – complementando a Lei Mosaica (primeira) e a Lei Cristã (segunda) –, trazendo-nos provas irrecusáveis de princípios naturais como: a Soberania Divina, imortalidade da alma, reencarnação, pluralidade dos mundos habitados (reencarnação em outros planetas), progressão dos Espíritos, mediunidade, destino dos Espíritos, etc.

3 – MORAL ESPÍRITA

O legado filósofo-religioso dessa revelação é a moral ensinada por Jesus Cristo: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, tendo como lema: “Fora da Caridade não há salvação”. Esta máxima contém toda a essência suprema a ser observada, sendo medida para todas as nossas ações.

4 – MOVIMENTO ESPÍRITA

O Espiritismo aproxima-se das demais religiões cristãs ao fundamentar-se na Divindade e em Jesus como o exemplo a ser seguido, na busca do exercício da caridade e da sabedoria.

No entanto, difere-se na forma prática quanto ao religiosismo clássico: não faz uso de símbolos (imagem, cruz, amuleto, vela, paramenta etc.), rituais ou fórmulas cerimoniais (batismo, missa, templo sagrado, altar etc.), hierarquia eclesiástica (pessoas “consagradas”, representantes oficiais etc.) nem impõe participação no movimento espírita instituído, embora faça este convite no sentido de promovermos a evolução individual e coletiva de cada pessoa e do nosso habitat.

Para a Doutrina Espírita religião é uma atividade individual entre cada indivíduo com a espiritualidade, sem intermediário. A oração é a via direta de comunicação com Deus, sem necessidade alguma de formalidades, aberta a todo e qualquer um, a qualquer hora e em qualquer lugar. Devemos orar, como Cristo nos ensinou, com a pureza de coração, do íntimo da alma, com sinceridade, sem preocupação com as palavras, com o desejo benéfico e fé.

Comumente o Espiritismo é posto à altura de todas as práticas místicas e religiões similares, cujos praticantes são erroneamente denominados “espíritas”. Entretanto, o verdadeiro espírita – à luz da doutrina codificada por Allan Kardec – é aquele que prioriza o Amor e a Sabedoria em suas atividades diárias.

O Espiritismo se serve dos recursos da ciência humana e da espiritualidade (inclusive das comunicações com os Espíritos) para o desenvolvimento do conhecimento (“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” João, 8:32), mas com o foco bem definido na fraternidade entre todos os povos e pessoas.

O progresso humano mostra então a aproximação de todas as filosofias no que é primordial (amor, caridade, sabedoria etc.), aparando as arestas das coisas menores (diferenças nas formas religiosas).

FENÔMENOS

BREVE HISTÓRICO DE MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS – O SURGIMENTO DA CIÊNCIA ESPÍRITA

1 – OS FENÔMENOS AO LONGO DA HISTÓRIA

Em todas as épocas da História da Humanidade, em pontos diversos espalhados pelo planeta, há registros de fenômenos anímicos (da alma) das mais variadas formas.

Cada Civilização tinha em seu meio — geralmente, inseridos no grupo de elite — homens das artes místicas, chamados de variados títulos: profetas, feiticeiros, bruxos, xamãs, magos, adivinhos, pitonisas, etc. Evidentemente, numerosos desses casos não passam de embuste, mas não se segue assim que tudo seja fraude.

As mitologias clássicas (egípcia, grega e romana) contam coisas absurdas acerca de divindades e episódios, coisa que o discernimento comum rejeita de pronto. Mas a criação dessas fábulas — muito exageradas, é verdade — seria produto apenas da criatividade de seus autores? Ou “imitam” certas circunstâncias que, naquele tempo em que os mitos foram escritos, não se entendia e não se sabia explicar?

Histórias de fantasmas, casas mal-assombradas, possessões e “objetos vivos” são conhecidos desde os primórdios, contados pela tradição oral e registrados de maneiras distintas (esculturas, pinturas rupestres e escritos).

Os mais remotos escritos, conhecidos pelo homem, são os **Vedas** — os livros sagrados do Hinduísmo —, cuja estimativa é de que remontem ao ano 1500 a.C. Muitos de seus versos (mantras) dizem respeito a práticas místicas. Evocação aos mortos, manifestação de almas e comunicação com Espíritos, também estão claramente gravadas na cultura antiga do Egito.

A História Antiga é farta de personagens que testemunham fatos sobrenaturais. Na Grécia, por exemplo, o filósofo Sócrates (470 a.C. – 399 a.C.) declarou abertamente viver sob a companhia e diálogo constante com um Espírito, a quem chamou **Daemon** (gênio, mentor).

A **Bíblia** também é um compêndio riquíssimo em relatos extraordinários. No Antigo Testamento, Jeová — a Divindade — se manifesta diversas vezes aos hebreus e em seu nome, vários profetas operam milagres. No Novo Testamento, temos a figura central de Jesus Cristo a realizar façanhas impossíveis para um homem comum. E uma das Boas Novas que Ele veio trazer é a verdade da imortalidade da alma, autenticada com a sua ressurreição. As Escrituras também narram que os apóstolos igualmente obraram muitos fenômenos.

Na Idade Média, encontramos a figura de Joana d’Arc, uma camponesa analfabeta que, guiada por vozes espirituais, conduziu o falido exército francês à vitória contra os invasores ingleses, no famoso conflito chamado de “Guerra dos Cem Anos”. Também intrigantes são as centúrias de Nostradamus (1503-1566), com previsões supostamente comprovadas.

Nos séculos mais recentes, temos notícias de várias manifestações de santidades católicas, sendo que as aparições de Maria, mãe de Jesus, são as mais conhecidas.

Evidentes são ainda as conclusões de pesquisa e desenvolvimento da Terapia de Regressão, em que o paciente é hipnotizado e induzido às lembranças de vidas passadas.

A chamada Experiência de Quase Morte (EQM) é outra prova concreta da sobrevivência espiritual pós-desencarne.

2 – INTERPRETAÇÕES

Esses fenômenos antigos foram encarados de variadas formas, quase sempre criando mitologias, culturas e religiões ao redor do mundo, pois, a rigor, as crenças carecem de uma nascente extra-humana. Assim, de Buda nasceu o Budismo, de Jeová nasceu o Judaísmo, de Maomé nasceu o Islamismo, etc.

Cada cultura e cada religião tenta explicar, a seu jeito, o fenômeno anímico: o que é, como se dá, por que se dá e as suas consequências. A interpretação do povo comum está quase sempre ligada às teses da sua religião. Desta forma, um católico acha perfeitamente normal que a Virgem Maria apareça e deixe uma mensagem a quem quer que seja, sem procurar entender bem o processo da aparição — normalmente encarado como um ato milagroso e misteriosamente divino, portanto, sem precisar explicações técnicas.

Durante muito tempo, a Igreja Católica procurou reter o conhecimento humano (científico) à sua tutela. Todas as descobertas científicas e práticas religiosas deveriam estar em acordo com seus dogmas (conceitos religiosos). Como a religião tinha poder de Estado, quem fosse contrário à Igreja era réu do tribunal da Inquisição. Os hereges (contraventores) eram queimados vivos, em praça pública. Com efeito, não se pôde avançar nos estudos dos fenômenos durante a Inquisição, pois tais práticas eram associadas ao satanismo — coisa do Diabo. Quem fosse pego com tais práticas era acusado de bruxaria, portanto, herege. Muitos arderam na fogueira, como foi o caso de Joana d’Arc, aos dezenove anos de idade.

Aos que não davam créditos aos conceitos da Igreja, sobrou negar tudo. Não havendo uma explicação física e concreta para as manifestações, os incrédulos ridicularizaram os fenômenos, negaram os efeitos e abdicaram, por longo tempo, de pesquisá-los seriamente.

Além da perseguição religiosa, as pessoas que tinham experiências extraordinárias eram ridicularizadas e, não raro, levadas ao status de dementes, presas ou internadas em hospícios. Daí, casos e casos espirituais se perderam no anonimato.

3 – A CIÊNCIA ESPÍRITA

Com o esmorecimento do poder da Igreja e o avanço da intelectualidade humana, todas as áreas de pesquisa científica progrediram. Por que havia tantas evidências históricas, hora viria alguém que se dedicaria seriamente a estudar os fenômenos anímicos, que por sua vez, multiplicaram-se em meados do século XIX. Nessa época, surgiram os primeiros estudos modernos das manifestações, dando origem ao Espiritismo, como Ciência.

Portanto, fica evidente que o objetivo inicial do Espiritismo era o de estudar cientificamente os fenômenos, tal qual se aplica os métodos da ciência para descobrir as propriedades concretas de algo que é novo, negando-lhe o que for falso, registrando-lhe o que for positivo, verdadeiro e concreto, e medindo seus efeitos.

Na próxima lição, estudaremos os casos mais eloquentes de manifestações espirituais do mesmo século XIX, quando se deu o marco do Espiritismo.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Para saber mais, pesquise textos sobre:

Mitologia; Buda; Krishna; Maomé; Santa Inquisição (Santo Ofício); Galileu Galilei; Joana d’Arc; Nostradamus; Bruxaria (Feitiçaria); Museu das Almas do Purgatório; Terapia de Regressão; Experiência de Quase Morte.

Livro: “O FENÔMENO ESPÍRITA”, de Gabriel Delanne.

Filme: “JOANA D’ARC” (The Messenger: The Story of the Jean of Arc) de Luc Besson.

PALAVRA ESPÍRITA

“Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará”

Jesus (João, 8:32)

A ignorância aprisiona; a Sabedoria liberta o homem.

Atendendo à admoestação do Mestre Jesus, a Doutrina Espírita nos ensina a pensar e não o que pensar, pois do contrário, seria um ditado e a um ditado não se sabe, obedece-se.

Por muito tempo a Humanidade esteve à mercê dos ditames de pseudoguias. Há ainda hoje resquícios dessa tirania psicológica, principalmente nos países teocráticos (em que a religião comanda o Estado). Mas o rumo da evolução transcorre sem cessar e o Espiritismo está em marcha, renovando os conceitos com o respeito à liberdade individual.

É preciso estudar e conhecer para dar um parecer.

O fato de não conhecer algo é uma credencial para se dizer absurdos a respeito dele. Quem não conhece a Doutrina Espírita julga, nega e condena seus princípios antecipadamente. Eleva ao ridículo os testemunhos de aparições, das psicografias e todas as formas de mediunidade. Pior, desconsidera os fundamentos morais que ela proclama.

Também grandes pensadores e suas respectivas descobertas foram chacoteados um dia, pois o novo costuma causar reboliço. A possibilidade de uma máquina voadora era uma utopia, não obstante, hoje o avião é uma realidade. A Verdade se revela a todo custo, reparando as injustiças, de modo que o que era antes impossível e improvável passa a ser fato incontestado e corrente.

É preciso abrir os olhos da mente. O Espiritismo nos convida a isso. Muitas pessoas não encontraram ainda a Sabedoria por acharem que já são suficientemente sábios. No entanto, para aprendermos, devemos partir do pressuposto de que nada sabemos. Só juntamos as mãos perfeitamente quando estas estão totalmente vazias.

No ensinamento Espírita, tudo se encadeia; tudo se explica. Nada é excepcional; tudo está dentro da lei natural criada por Deus. Não há milagre, há Natureza. O vento é uma propriedade da Natureza: não o vemos comumente, mas sabemos sua força através das suas manifestações.

Justo quando a lagarta achava que sua vida chegara ao fim ela virou uma borboleta.

Muitos sábios e doutores – das ciências e das religiões – perscrutaram o Espiritismo com o fito inicial de desmascará-lo, mas acabaram encontrando nele o elo perdido, convertendo-se e proclamando a Doutrina.

Sabedoria não se ganha e nem se compra; conquista-se!

Abra sua mente, estude Espiritismo com seriedade, com isenção; desvende, compare e confronte-o! E verá então, que não será preciso nenhum esforço para crer naquilo que intimamente já se sabe.

“Não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas”.

Allan Kardec

HYDESVILLE E AS MESAS GIRANTES

AS IRMÃS FOX – ESPETÁCULOS ESPIRITUAIS – INVESTIGAÇÕES SÉRIAS

1 – OS PRECURSORES

Como vimos na lição anterior, as manifestações espirituais são fatos, evidentes em todos os tempos e espalhados ao redor do mundo. No entanto, ocorreu no século XIX uma série de fenômenos como nunca houve antes, sendo os dois registros mais emblemáticos: o caso de Hydesville e o fenômeno das mesas girantes, dando origem ao chamado Espiritualismo Moderno, que resultou em estudos sérios como a Parapsicologia e o Espiritismo.

Anterior a esses casos, temos notas de fatos extraordinários que despertaram bastante interesse, como as visões do polímata sueco Emanuel Swedenborg (1688-1772).

Em 1773, deu-se a descoberta do magnetismo animal curador, por Franz Anton Mesmer (1734-1815), médico da Suábia (hoje, território alemão). Estava iniciada a comprovação científica da tese que a energia espiritual (das almas) produz efeitos na matéria.

O americano Andrew Jackson Davis (1826-1910), de família humilde, aos dezessete anos de idade, foi induzido a um transe durante o qual teve um banho de iluminismo que elevou consideravelmente seu intelecto – incomum para sua pouca idade e para seu modesto currículo escolar. Depois desse desdobramento, ele passou a versar fluentemente sobre temas complexos como filosofia, psicologia e política – assuntos que lhe eram estranhos.

Segundo confessou Davis, um ano mais tarde ele foi novamente tomado por um estado transcendental – desta vez, involuntariamente. Nesta oportunidade, versou matérias relacionadas à medicina e filosofia moral, diretamente com dois Espíritos ilustres: o médico e filósofo grego Cláudio Galeno e Emanuel Swedenborg (citado acima). Após sua morte, foi encontrada uma mensagem no seu caderno de notas, datada de 31 de março de 1848, em que Davis dizia ter ouvido uma voz lhe manifestar: *“Irmão, um bom trabalho foi começado. Olha! Surgiu uma demonstração vivente”*. Davis não compreendeu a nota, mas aquela data coincide com o marco do caso das irmãs Fox (ver a seguir).

O histórico detalhado desses casos encontra-se no livro “A HISTÓRIA DO ESPIRITISMO”, do Sir Artur Conan Doyle (1859-1930), célebre escritor inglês e criador do personagem Sherlock Holmes. Ele classificou a série de manifestações como uma “invasão organizada de Espíritos que traziam uma grande revelação”.

2 – O CASO DE HYDESVILLE (AS IRMÃS FOX)

No pequeno povoado Hydesville, Estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, morava a família Fox: o casal John e Margareth e as duas filhas, Katherine (ou Kate),

de 11 anos, e Margareth (Maggie), de 14 anos. O casal tinha outros filhos, entre os quais, Leah, casada e residente em Rochester, cidade próxima dali.

Em 11 de dezembro de 1847, a família Fox instalou-se numa casa cujos rumores eram de que fosse mal-assombrada. Dois meses após a mudança, os Fox começaram a ouvir ruídos estranhos, sem que se soubesse a causa. Eram como arranhões nas paredes, arrastão de móveis e assoalhos, cada vez mais fortes e descompassos. Todas as possibilidades normais foram consideradas, mas nada explicava os estalos. As crianças se amedrontaram e passaram a dormir no quarto com os pais.

A data que entrou para a História como o marco da fenomenologia moderna foi 31 de março de 1848, quando, à noite, os fenômenos se intensificaram na casa dos Fox. Já não era possível repousar, tanto pelo pavor quanto pelo barulho. Em meio ao pavor, a menina menor, Kate, então lança um desafio ao suposto fantasma: “Senhor pé-rachado, faça o que eu faço!” e começou a bater palmas. Para surpresa de todos, as batidas na casa imitaram a quantidade e o ritmo das palmas de Kate. Novas sugestões foram feitas e prontamente respondidas com pancadas. A Sra. Fox, por exemplo, perguntou a idade das filhas e ouviu as respostas exatas — onze batidas para Kate e quatorze para a irmã. Questionado se era um humano, nada se ouviu, mas quando a senhora da casa sugeriu que desse duas pancadas caso fosse um Espírito, no mesmo instante as duas pancadas foram reproduzidas. Margareth perguntou: “Continuará a bater se chamarmos os vizinhos?” e a resposta foi afirmativa.

Naquela mesma noite, vizinhos foram chamados e, logo, havia uma multidão de curiosos. Muitos deles atreveram-se a fazer perguntas convencendo-se uma ou duas pancadas para respostas negativas e positivas. O inquérito perdurou por muitos dias, mas apenas no período noturno. Através desse processo o Espírito revelou ter sido um hóspede daquela casa cinco anos atrás e que fora assassinato com um golpe de uma faca na garganta, depois enterrado na adega. Seu assassino visava se apossar de seu dinheiro (quinhentos dólares). Para chegar ao nome do Espírito (Charles Rosma) e do assassino (Sr. Bell), criou-se uma codificação alfabética de acordo com as pancadas, por sugestão de um dos ali presentes (o Sr. Issac Post). Eis o marco da “telegrafia espiritual”.

Tempos depois, o cadáver do Sr. Rosma foi encontrado atrás de uma parede falsa da adega daquela casa. Junto à ossada foram achados seus objetos pessoais. A notícia foi publicada no Boston Journal, edição de 23 de novembro de 1904.

As meninas, Kate e Margareth foram levadas a morar com a irmã Leah, em Rochester. Ocorreu que os fenômenos as seguiam onde quer que estivessem. Naquela cidade, num salão denominado “Corinthian Hall”, elas participaram de sessões públicas experimentais, onde foram inquiridas por várias autoridades, muitas vezes, sob risco de linchamento por acusação de dissimulação. Mas os fenômenos eram constantes e contundentes, de modo que nenhuma teoria contraditória se sobrepôs às manifestações,

Esse caso ficou conhecido como Poltergeist (do alemão polter = bater; e geist = espírito), foi amplamente estudado por renomados pesquisadores em todo o mundo e deu início a uma série de experiências intituladas de “fenômeno das mesas girantes”. Veja a seguir.

3 – MESAS GIRANTES

Com a popularização do caso Poltergeist, não tardou para que outras experiências de evocação de Espíritos surgissem. Disso resultou a série de fenômenos chamados de “mesas girantes”, ou “dança das mesas”.

Tanto nos Estados Unidos como na Europa, incontáveis eram as manifestações. Tornaram-se tão vulgar que eram usadas como divertimento. Eram verdadeiros espetáculos espirituais. Salões nobres, lotados, assistiam às evocações sugerindo que entidades espirituais

se fizessem perceber provocando efeitos físicos, sendo o mais comum, golpes e movimentos aleatórios em mesas (por ser um móvel próprio de salão, talvez). Em seguida, foram criados métodos de se obter informações, nomes e datas dos Espíritos através de codificações. Num deles, o alfabeto era desenhado em uma roleta sobre a mesa e as anotações obedeciam conforme a letra sobre a qual o ponteiro parava. Todavia, nada relevante se obtinha dessas sessões espetaculares.

Os religiosos atribuíram os fenômenos ao demônio e procuraram barrar os experimentos a todo custo, sem procurar buscar concretamente as causas dos efeitos. Reportagens sensacionalistas de jornais e revistas, sob pressão de interesses particulares, também procuraram deturpar o movimento.

Como meio de distração, essas reuniões duraram dos anos 50 e 70 do século XIX, mas despertaram interesse científico em todos os campos do conhecimento. É verdade que houve muitos flagras de logro — o que serviu como argumento definitivo para a descrença de alguns e forte campanha de difamação —, entretanto, pesquisadores renomados atestaram a presença de uma força sobrenatural, dentre eles, os físicos: Sir William Crookes, Sir Oliver Lodge e Michael Faraday; os astrônomos Friedrich Zöllner e Camille Flammarion; o criminologista Cesare Lombroso; o naturalista Alfred Russel Wallace; e o diplomata e filósofo russo Alexandre Aksakof (conforme estudaremos adiante).

Foram as mesas girantes que instigaram Allan Kardec e seus colaboradores a estudarem os fenômenos, no que culminou com a origem do Espiritismo.

O ponto de partida e os meios de estudos espíritas nós veremos na próxima aula.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Para saber mais, pesquise textos sobre:

Irmãs Fox; mesas girantes; Espiritualismo Moderno; William Crookes; Oliver Lodge; Michael Faraday; Friedrich Zöllner; Camille Flammarion; Cesare Lombroso; Alfred Russel Wallace; Alexandre Aksakof.

Livro: “HISTÓRIA DO ESPIRITISMO”, de Arthur Conan Doyle.

Filme: “O EXORCISMO DE EMILY ROSE” (The Exorcism of Emily Rose), de Scott Derrickson (2005)

PALAVRA ESPÍRITA

A Sabedoria

“Pois eu darei a vocês uma palavra cheia de sabedoria, à qual os seus adversários não poderão resistir nem contradizer”.

Jesus (Lucas, 21:15)

A sabedoria não consiste simplesmente em acumular ciências e argumentos, mas em saber fazer bom uso do que se sabe.

O entendido sabe muito; o sábio sabe apenas o necessário.

A sabedoria está na verdade e sem verdade não há sabedoria. A marcha do progresso está em curso e o que é verdadeiro vai sendo revelado.

Não há quem aprisione o homem sábio, pois a sabedoria liberta o indivíduo. É a escuridão da ignorância que retém os fracos e quem anda nas trevas está sujeito às quedas.

O Espiritismo seguramente abre as portas do além, que se revela e nos ensina novas verdades. Novas verdades requerem novos estudos. Todo aquele que as busca com retidão, enche-se de conhecimentos úteis e melhor se prepara para o porvir.

Eis o prefácio de “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”:

Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, igual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos dos cegos.

Na verdade, digo a vocês, que são chegados os tempos em que todas as coisas hão de ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos anjos se associam a elas. Nós convidamos todos vocês para o divino concerto. Peguem a lira, façam suas vozes uma só, e que, num hino sagrado, elas se estendam e repercutam de um extremo a outro do Universo.

Irmãos e irmãs a quem amamos, aqui estamos junto de vocês. Amem-se, também, uns aos outros e digam do fundo do coração, fazendo as vontades do Pai, que está no Céu: Senhor! Senhor!... e poderão entrar no reino dos Céus.

O Espírito de Verdade

ORIGEM DA DOCTRINA ESPÍRITA

OS PRIMEIROS ESTUDOS – ALLAN KARDEC E A SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS – TERMINOLOGIA

1 – OS PRIMEIROS CONTATOS

O fenômeno das mesas girantes era corrente nos EUA e na Europa em meados do século XIX. De um lado o espetáculo vulgar e do outro o interesse científico. Entre os que se propuseram a estudar seriamente as manifestações, estava um ilustre pedagogo francês: Hippolyte Léon Denizard Rivail, o Allan Kardec (1804-1869).

O próprio Kardec assim narrou seu contato inicial com o fenômeno:

“Foi em 1854 que pela primeira vez ouvi falar das mesas girantes. Encontrei um dia o magnetizador, Senhor Fortier, a quem eu conhecia desde muito tempo e que me disse: ‘Já sabe da estranha propriedade que se acaba de descobrir no Magnetismo? Parece que já não são somente as pessoas que se podem magnetizar, mas também as mesas, conseguindo-se que elas girem e caminhem à vontade’. — ‘De fato, é muito estranho — respondi —, mas, a rigor, isso não me parece radicalmente impossível. O fluido magnético, que é uma espécie de eletricidade, pode perfeitamente atuar sobre os corpos inertes e fazer que eles se movam (...)’

“Algum tempo depois, encontrei-me novamente com o Sr. Fortier, que me disse: ‘Temos uma coisa muito mais extraordinária; não só se consegue que uma mesa se mova, magnetizando-a, como também que fale. Interrogada, ela responde’. Repliquei-lhe: — ‘Isto agora é outra questão. Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pé?’”

Allan Kardec

(OBRAS PÓSTUMAS, Allan Kardec — ‘A minha primeira iniciação ao Espiritismo’)

Depois da relutância inicial, o professor foi comprovar pessoalmente o caso, acompanhando sessões na residência da Sra. Roger (médium sonâmbula), da Sra. Plainemaison e da família Baundin.

“Eu estava diante de um fato inexplicado, aparentemente contrário às leis da Natureza e que a minha razão rejeitava. Ainda não tinha visto e nem observado nada; as experiências, realizadas em presença de pessoas honradas e dignas de fé, confirmavam a minha opinião, quanto à possibilidade do efeito puramente material; mas, a ideia de uma mesa falante ainda não me entrara na mente.”

(...)

“Foi aí que, pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida.

Assisti então a alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Minhas ideias estavam longe de precisar-se, mas havia ali um fato que necessariamente decorria de uma causa. Eu entrevia, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que decidi estudar a fundo”.

(Idem)

Desde então, o professor Rivail dedicou-se profundamente às investigações, pelas quais, formulava novos conceitos. Os dois mais imediatos foram:

- A veracidade dos fenômenos, não importa o que dissessem ou fizessem, provava a sobrevivência do Espírito além-túmulo,
- Aquelas comunicações possibilitavam se conhecer as características do mundo espiritual.

O mestre francês, ao lado de seus colaboradores, perquiriu criteriosamente milhares de mensagens, de vários Espíritos e através de diferentes médiuns, percorrendo assuntos de toda ordem. Não lhe faltou cooperação da parte de boas entidades, mas ao contrário, rodearam-lhe Espíritos Superiores e o inspiraram nos estudos e na missão de ser o codificador da Doutrina Espírita, assim deflagrando a “Terceira Revelação”. Entre os ilustres Espíritos destacamos: Santo Agostinho, Platão, Lacordaire, São Luiz, Fénelon, São Vicente de Paula e O Espírito da Verdade (ou simplesmente Verdade), que foi seu guia especial – que muito sugere ser o Cristo.

Para marcar a nova fase da sua vida, Hippolyte Léon Denizard Rivail passou a assinar como Allan Kardec — mesmo nome de uma de suas reencarnações, em que havia sido um sacerdote druida.

“Da comparação e da fusão de todas as respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes retocadas no silêncio da meditação, foi que elaborei a primeira edição de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, entregue à publicidade em 18 de abril de 1857.”

(Idem)

“O LIVRO DOS ESPÍRITOS” é o marco do Espiritismo e contém seus alicerces doutrinários. Para completar a codificação, publicou mais quatro obras básicas, a saber: “O LIVRO DOS MÉDIUNS” (1861), “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO” (1864), “O CÉU E O INFERNO” (1865) e “A GÊNESE” (1868). Também lançou um jornal chamado “REVISTA ESPÍRITA” (primeira edição em 1º de janeiro de 1858), com publicação atualizada dos acontecimentos que recebia de múltiplos países.

2 – A PRIMEIRA SOCIEDADE ESPÍRITA

Allan Kardec e seus colaboradores fundaram o primeiro núcleo espírita oficial, em 1º de abril de 1858: a “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”, observando todas as normas legais das autoridades de Paris, França.

A Sociedade ficou legalmente constituída e passamos a reunir-nos todas as terças-feiras no compartimento por ela alugado, no Palais Royal, galeria de Valois. Aí esteve um ano, de 1º de abril de 1858 a 1º de abril de 1859. Não tendo permanecido lá por mais tempo, entrou a reunir-se às sextas-feiras num dos salões do restaurante Douix, no mesmo Palais Royal, galeria Montpensier, de 1º de abril de 1859 a 1º de abril de 1860, época em que se instalou num local seu, à rua e passagem Sant’Ana, nº 59.

(Idem)

A instituição mantinha intercâmbio frequente com os milhares de centros espíritas

esparramados em todo o mundo, esclarecendo dúvidas enviadas, trocando experiências e divulgando o Espiritismo.

3 – TERMINOLOGIA

Allan Kardec criou novos verbetes (Espiritismo, Espírita, Espiritista, Perispírito, Médiun, Mediunidade) para explicar a nova Doutrina:

“Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão referente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos: *espiritual*, *espiritualista*, *espiritualismo* têm acepção bem definida. Dar-lhes outra, para aplicá-los à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas já numerosas de anfibologia (duplo sentido das palavras). Com efeito, *Espiritualismo* é o oposto do *materialismo*. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Porém, não se segue daí que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras *espiritual*, *espiritualismo*, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, nós empregamos os termos **Espírita** e **Espiritismo**, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente compreensíveis, deixando ao vocábulo *espiritualismo* o significado que lhe é próprio. Então, diremos que a **Doutrina Espírita** ou o **Espiritismo** tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os **espíritas**, ou, se quiserem, os **espiritistas**.”

Allan Kardec

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec — ‘Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita’)

Chamou de **Perispírito** o corpo fluídico do Espírito:

“Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito.”

(Idem – Comentário à questão 93)

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: “O CONSOLADOR” (Terceira Parte – Religião – cap. 4) pelo Espírito Emmanuel, de Francisco Cândido Xavier

Filme: “O ESPIRITISMO, DE KARDEC AO DIAS DE HOJE” (1995) direção de Marcelo Taranto, parceria da Federação Espírita Brasileira com a Versátil Home Vídeo.

PALAVRA ESPÍRITA

O Consolador Prometido

“Se me amam, guardem os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e Ele lhes enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê e absolutamente não o conhece. Mas, vocês o conhecerão, porque ficará convosco e estará em vocês. Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, lhes ensinará todas as coisas e lhes fará recordar tudo o que lhes tenho dito”.

Jesus (João, 14:15-17, 26)

Jesus promete outro consolador: o Espírito de Verdade, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para compreendê-lo; consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para relembrar o que o Cristo tem dito. Portanto, se o Espírito de Verdade tinha de vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não disse tudo; se ele vem relembrar o que o Cristo disse, é que o que Este disse foi esquecido ou mal compreendido.

O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside à sua chegada o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que Jesus só disse por parábolas. O Cristo advertiu: “Os que têm ouvidos para ouvir, ouçam!” O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porque fala sem figuras, nem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Finalmente, vem trazer a consolação suprema aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.

Disse o Cristo: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”. Mas, como alguém há de se sentir feliz por sofrer se não sabe por que sofre? O Espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, onde o homem expia o seu passado. Mostra o objetivo dos sofrimentos, apontando-os como crises salutares que produzem a cura e como meio de depuração que garante a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu sofrer e acha justo o sofrimento. Sabe que este lhe auxilia o adiantamento e o aceita sem murmurar, como o operário aceita o trabalho que lhe assegurará o salário. O Espiritismo lhe dá fé inabalável no futuro e a dúvida dolorosa não mais se lhe apossa da alma. Dando-lhe a ver do alto as coisas, a importância das dificuldades terrenas some-se no vasto e esplêndido horizonte que ele o faz descortinar, e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até ao termo do caminho.

Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. VI “O Cristo Consolador” – itens 3 e 4)

O CODIFICADOR E O MÉTODO KARDEQUIANO

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR RIVAIL – O MÉTODO
CIENTÍFICO DE KARDEC APLICADO AO ESPIRITISMO
– A MISSÃO

1 – O PROFESSOR RIVAIL

Hippolyte Léon Denizard Rivail nasceu em 3 de outubro de 1804, na cidade de Lião (Lyon), França, filho de Jean Baptiste Antoine Rivail e Jeanne Louise Duhamel. Vindo de uma tradicional família católica de magistrados e pedagogos, desde cedo mostrou elevado interesse pelas ciências e pela Filosofia, desabrochando precocemente incomum intelecto.

Fez seus primeiros estudos em sua cidade natal e depois seguiu para a “Escola de Pestalozzi”, no castelo de Zahringenem, em Yverdon (Suíça) – instituição considerada modelo de ensino e frequentada pelos príncipes e nobres daquele tempo. Tornou-se admirável discípulo do famoso professor Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), fundador da escola e pioneiro reformador educacional. Na Suíça, um país predominantemente protestante, Rivail também pôde contrabalancear suas bases religiosas.

Ao retornar à França, dedicou-se à reforma do ensino público em seu país, visando uma ampla democratização. Publicou diversas obras pedagógicas com métodos modernos e inovadores para ensino e aprendizagem. Por exemplo: Curso Prático e Teórico de Aritmética (1824); Plano proposto para melhoramento da Instrução Pública (1828); Método Mnemônico da História da França (1840); Catecismo gramatical da Língua Francesa (1848); e Ditados Especiais sobre as dificuldades ortográficas (1849).

Lecionou cursos gratuitos de ciências diversas, tais como: Química, Física, Astronomia, e Anatomia. Era membro de diversas sociedades de letrados, como a “Academia Real de Arras” e agraciado com muitos prêmios e condecorações. Também atuou na tradução de obras estrangeiras para o francês, especialmente de filósofos alemães.

Casou-se em 1832, com Amélie-Gabrielle Boudet (1795-1883), também professora e grande colaboradora na segunda fase da vida do mestre lionês – como o Codificador Espírita – e por extensão, grande atuante do Espiritismo.

Através dos estudos sobre as mesas girantes, o professor inaugurou nova fase da vida, trabalhando integralmente em favor da Doutrina Espírita, pelo pseudônimo de Allan Kardec.

2 – MÉTODO KARDEQUIANO

Mediante o aprendizado com Pestalozzi, Allan Kardec aplicou um método de pesquisa particular para estudar os fenômenos – tão diferentes de tudo já estudado antes acerca dos Espíritos – e assim, codificou a Doutrina Espírita.

Totalmente isento de idealismos, Kardec usou o sistema intuitivo-racionalista para com as manifestações, observando, experimentando e tirando delas os conceitos positivos.

“Apliquei a essa nova ciência o método experimental, como havia feito até então; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; procurava remontar às causas dos efeitos, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo uma explicação por válida, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos. Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas ideias e nas crenças; portanto, fazia-se necessário andar com a maior discrição e não levemente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir”.

Allan Kardec

(OBRAS PÓSTUMAS, Allan Kardec – 2ª parte – ‘A minha primeira iniciação ao Espiritismo’)

“Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências práticas: aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, buscando as causas dos efeitos, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as consequências e busca as aplicações úteis. Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida; assim, não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram *a posteriori* confirmar a teoria: a teoria é que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos. Logo, é rigorosamente exato dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas”.

Allan Kardec

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. I – ‘Caráter da Revelação Espírita’)

Por falta dessa isenção e de coragem para inovar é que tantos outros pesquisadores contemporâneos de Kardec falharam em relação ao Espiritismo: alguns examinaram para simplesmente negá-lo, outros, para adequá-lo às convicções preliminares.

Como diz a sabedoria popular: “é impossível para alguém aprender aquilo que ele acha que já sabe”.

Pela capacidade e seriedade aplicada, Allan Kardec foi chamado por Camille Flammarion de “o bom senso encarnado”.

3 – O PSEUDÔNIMO

O professor Rivail era influente na França devido seus trabalhos na área de pedagogia. Desta forma, inaugurando a nova fase da sua vida, pensou em assinar os livros espíritas com um pseudônimo, para separar as matérias e não provocar ambiguidades entre suas obras. O nome escolhido foi Allan Kardec, o mesmo de sua reencarnação passada.

Os Espíritos colaboradores da codificação revelaram que Kardec foi um druida, espécie de sacerdote e instrutor dos Celtas – antigo povo de origem indo-europeia –, mais especificamente na Gália, onde hoje é a França.

4 – A MISSÃO

Aconteceu que no dia 30 de abril de 1856, numa sessão na casa do Sr. Roustan, através da médium Sra. Japhet, Kardec foi notificado da grande missão que tinha a exercer:

“Quando o bordão soar, abandonarei vocês; apenas aliviarei o seu semelhante; individualmente o magnetizarei, a fim de curá-lo. Depois, cada um no posto que lhe foi preparado, porque de tudo se fará necessário, pois que tudo será destruído, ao menos temporariamente. Deixará de haver religião e uma se fará necessária, mas verdadeira, grande, bela e digna do Criador... Seus primeiros alicerces já foram colocados... Quanto a ti, Rivail, a tua missão é aí. (Livre, a cesta se voltou rapidamente para o meu lado, como o teria feito uma pessoa que me apontasse com o dedo.) A ti, M..., a espada que não fere, porém mata; contra tudo o que é, serás tu o primeiro a vir. Ele, Rivail, virá em segundo lugar: é o obreiro que reconstrói o que foi demolido.”

(OBRAS PÓSTUMAS, Allan Kardec – 2ª parte – ‘Primeira revelação da minha missão’)

Subtende-se aqui que o tal Sr. M... também recebeu uma grande missão, de ordem antirreligiosa, cabendo a Kardec e ao Espiritismo reparar os estragos causado por este misterioso indivíduo (há quem diga se tratar de Karl Marx, idealista do Comunismo).

O Espírito da Verdade corroborou a nota acima numa comunicação obtida em 12 de junho daquele mesmo ano, pela médium Aline C. Em dado momento da sessão, o codificador faz uma indagação e recebe resposta imediata:

Allan Kardec — Não tenho nenhum desejo certamente de me vangloriar de uma missão na qual dificilmente creio. Se estou destinado a servir de instrumento aos desígnios da Providência, que ela disponha de mim. Nesse caso, reclamo a tua assistência e a dos bons Espíritos, no sentido de me ajudarem e ampararem na minha tarefa.

Espírito Verdade — A nossa assistência não te faltará, mas será inútil se, de sua parte, não fizer o que for necessário. Você tem o teu livre-arbítrio, do qual pode usar como bem entender. Nenhum homem é constrangido a fazer coisa alguma.

(Idem – 2ª parte – ‘Minha missão’)

Logo adiante, o mentor espiritual acentua:

“Não suponha que te baste publicar um livro, dois livros, dez livros, para em seguida ficar tranquilamente em casa. Tem que expor a tua pessoa. Atrairá contra ti ódios terríveis; inimigos encarniçados conspirarão para tua perda; caminhará ao lado da malevolência, com a calúnia, com a traição mesma dos que te parecerão os mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e falseadas; por mais de uma vez cairás sob o peso da fadiga; numa palavra: terá de sustentar uma luta quase contínua, com sacrifício de teu repouso, da tua tranquilidade, da tua saúde e até da tua vida, pois, sem isso, viveria muito mais tempo. Ora bem! Muitos recuam quando só veem sob os passos urzes, pedras agudas e serpentes, em vez de uma estrada florida. Para tais missões, não basta a inteligência. Faz-se necessário primeiramente, para agradar a Deus, humildade, modéstia e desinteresse, visto que Ele abate os orgulhosos, os presunçosos e os ambiciosos. Para lutar contra os homens, são indispensáveis coragem, perseverança e inabalável firmeza. Também são de necessidade prudência e tato, a fim de conduzir as coisas de modo conveniente e não lhes comprometer o êxito com palavras ou medidas intempestivas. Exigem-se, por fim, devotamento, abnegação e disposição a todos os sacrifícios. Assim, veja que a tua missão está subordinada a condições que dependem de ti.”

Espírito Verdade

(Idem)

E mais uma vez ratificada em 12 de abril de 1860, numa comunicação espontânea e sem a presença de Kardec, na casa do Sr. Dehau, pelo médium Sr. Crozet.

Não há dúvida de que ele cumpriu muito bem a missão. Entregou-se tanto às tarefas que chegou a ser advertido pelos Espíritos que o excesso já refletia sobre sua saúde:

“Precisa de repouso; as forças humanas têm limites que o desejo de que o ensino progrida te leva muitas vezes a ultrapassar. Portanto, está errado procedendo assim, não apressará a marcha da Doutrina, mas arruinará a tua saúde e te colocará na impossibilidade material de acabar a tarefa a que vieste desempenhar neste mundo. A tua enfermidade atual não é mais do que resultado de um desgaste incessante de forças vitais, sem dar tempo a que se efetue a reparação necessária, e a um aquecimento do sangue produzido pela falta absoluta de repouso. Sem dúvida, nós te sustentamos, porém sob a condição de que não desfaça o que fizemos. De que serve correr? Não te dissemos já muitas vezes que cada coisa virá a seu tempo e que os Espíritos prepostos ao movimento das ideias sabem fazer que surjam circunstâncias favoráveis, em soando o momento de agir?”

Dr. Demeure

(Idem – 2ª parte – ‘Instruções relativas à saúde de Allan Kardec’)

5 – DESFECHO

Kardec nunca parou de trabalhar para a disseminação do Espiritismo, escrevendo, palestrando, viajando e pesquisando mais e mais manifestações, até seu desencarne, aos 65 anos, em 31 de março de 1869, na capital francesa, em decorrência da ruptura de um aneurisma.

Seu corpo foi sepultado no cemitério Père-Lachaise de Paris, com o seguinte epitáfio: **“Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei”** (traduzido do francês). O mesmo túmulo, anos mais tarde, receberia o corpo da sua esposa.

O célebre discurso pronunciado ao túmulo de Allan Kardec, por Camille Flammarion, foi integralmente publicado em “OBRAS PÓSTUMAS”.

Eis um trecho:

“Voltou a esse mundo donde viemos e colhe o fruto de teus estudos terrestres. Aos nossos pés dorme o teu envoltório, extinguiu-se o teu cérebro, fecharam-se teus olhos para não mais se abrirem, a tua palavra não será mais esquecida... Sabemos que todos havemos de mergulhar nesse mesmo último sono, de voltar a essa mesma inércia, a esse mesmo pó. Mas, não é nesse envoltório que pomos a nossa glória e a nossa esperança. Tomba o corpo, a alma permanece e retorna ao Espaço. Nós nos encontraremos num mundo melhor e no céu imenso onde usaremos das nossas mais preciosas faculdades, onde continuaremos os estudos para cujo desenvolvimento a Terra é teatro por demais acanhado.

“É mais grato para nós saber esta verdade, do que acreditar que dorme nesse cadáver todo inteiro e que tua alma se tenha aniquilado com a cessação do funcionamento de um órgão. A imortalidade é a luz da vida, como este refulgente Sol é a luz da Natureza.

“Até à vista, meu caro Allan Kardec, até à vista!”

Camille Flammarion

6 – RECONHECIMENTO

O nome de Allan Kardec ganha respeitabilidade na mesma medida em que a Doutrina se recrudescer. Quem o conheceu pessoalmente deu testemunho de suas qualidades. Opositores e antipáticos ele teve e muitos, todavia, pelo ministério que exercia, não pelo lado pessoal. Não há nenhum registro histórico de algo que degrade sua imagem.

Miss Anna Blackwell, que traduziu as obras de Kardec para o inglês, assim o descreve:

“Pessoalmente Allan Kardec era de estatura média. Compleição forte, com uma cabeça grande, redonda, maciça, feições bem marcadas, olhos pardos, claros, mais se assemelhando a um alemão do que a um francês. Enérgico e perseverante, mas de temperamento calmo, cauteloso e não imaginoso até a frieza, incrédulo por natureza e por educação, pensador seguro e lógico, e eminentemente prático no pensamento e na ação. Era igualmente emancipado do misticismo e do entusiasmo.

“Grave, lento no falar, modesto nas maneiras, embora não lhe faltasse uma certa calma dignidade, resultante da seriedade e da segurança mental, que eram traços distintos de seu caráter. Nem provocava nem evitava a discussão mas nunca fazia voluntariamente observações sobre o assunto a que havia devotado toda a sua vida, recebia com afabilidade os inúmeros visitantes de toda a parte do mundo que vinham conversar com ele a respeito dos pontos de vista nos quais o reconheciam um expoente, respondendo às perguntas e objeções, explanando as dificuldades, e dando informações a todos os investigadores sérios, com os quais falava com liberdade e animação, de rosto ocasionalmente iluminado por um sorriso genial e agradável, pois tal fosse a sua habitual seriedade de conduta que nunca se lhe ouvia uma gargalhada”.

(A HISTÓRIA DO ESPIRITISMO, Arthur Conan Doyle – Cap. 21)

Eis algumas célebres frases kardecianas:

*“Os homens semeiam na terra o que colherão na vida espiritual:
os frutos da sua coragem ou da sua fraqueza.”*

*

*“Só é inabalável a fé que pode enfrentar a razão face a face,
em todas as épocas da Humanidade.”*

*

“Nascer, Morrer, Renascer ainda e Progredir sem cessar, tal é a Lei.”

*

*“Possuímos em nós mesmos, pelo pensamento e a vontade, um poder de
ação que se estende muito além dos limites de nossa esfera corpórea.”*

*

*“Toda a paixão que aproxima o homem da natureza animal,
o distancia da natureza espiritual.”*

*

*“O verdadeiro homem de bem é aquele que faz ao outro
aquilo que queria que os outros lhe fizessem.”*

PESQUISA COMPLEMENTAR

Pesquisar textos externos (enciclopédias, por exemplo) sobre:

Allan Kardec; Escola da Pestalozzi; Métodos científicos.

Livro: “A CAMINHO DA LUZ” (cap. XXIII – ‘O Século XIX’) pelo Espírito Emmanuel,
de Francisco Cândido Xavier

Filme-documentário: “BICENTENÁRIO DE ALLAN KARDEC”, direção de Cícero
Vieira de Melo. (CEI – Conselho Espírita Internacional)

PALAVRA ESPÍRITA

Fora da Caridade não há Salvação

“Mas os fariseus, sabendo que Jesus havia calado a boca dos saduceus, se reuniram e um deles, que era doutor da lei, foi propor-lhe esta questão, para tentá-lo: ‘Mestre, qual o grande mandamento da lei?’ Jesus lhe respondeu: *‘Ame o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito. Esse o maior e o primeiro mandamento. E aqui está o segundo, que é semelhante ao primeiro: Ame o teu próximo, como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos’.*”

Jesus (Mateus, 22:34-40)

Enquanto a máxima “Fora da caridade não há salvação” se sustenta num princípio universal e abre acesso à suprema felicidade para todos os filhos de Deus, o dogma “Fora da Igreja não há salvação” se firma, não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, porém numa fé especial, em dogmas particulares; é exclusivo e absoluto. Longe de unir os filhos de Deus, separa-os; em vez de incitá-los ao amor de seus irmãos, alimenta e sanciona a irritação entre religiosos dos diferentes cultos que reciprocamente se consideram malditos na eternidade, embora sejam parentes e amigos esses sectários.

Desprezando a grande lei de igualdade perante o túmulo, ele os afasta uns dos outros, até no campo do repouso. O mandamento “Fora da caridade não há salvação” consagra o princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência.

Tendo-a por norma, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja a maneira como adorem o Criador, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros. Com o dogma “Fora da Igreja não há salvação”, amaldiçoam-se e se perseguem reciprocamente, vivem como inimigos; o pai não pede pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, desde que mutuamente se consideram condenados sem remissão. É, pois, um dogma essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.

“Fora da verdade não há salvação” equivaleria ao “Fora da Igreja não há salvação” e seria igualmente exclusivo, porque não existe nenhuma seita que não pretenda ter o privilégio da verdade. Que homem se pode vangloriar de possuí-la integralmente, quando o âmbito dos conhecimentos incessantemente se alarga e todos os dias as ideias se retificam? A verdade absoluta é patrimônio unicamente de Espíritos da categoria mais elevada e a Humanidade terrena não poderia pretender possuí-la, porque não lhe é dado saber tudo. Ela somente pode aspirar a uma verdade relativa e proporcionada ao seu adiantamento. Se Deus houvera feito da posse da verdade absoluta condição expressa da felicidade futura, teria proferido uma sentença de proscricção geral, ao passo que a caridade, mesmo na sua mais ampla acepção, todos podem praticá-la.

O Espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo a salvação para todos, independente de qualquer crença, contanto que a lei de Deus seja observada, não diz: “Fora do Espiritismo não há salvação”; e, como não pretende ensinar ainda toda a verdade, também não diz: “Fora da verdade não há salvação”, pois que esta máxima separaria em lugar de unir e perpetuaria as diferenças.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XV, Itens 4, 8 e 9)

REVELAÇÃO ESPÍRITA

O TESTEMUNHO DOS ESPÍRITOS SOBRE DEUS, IMORTALIDADE, PERISPÍRITO, REENCARNAÇÃO, LIVRE-ARBÍTRIO, EVOLUÇÃO E MORAL CRISTÃ

1 – CARÁTER DA REVELAÇÃO

Assim definiu Allan Kardec:

“Primeiro vamos definir o sentido da palavra *revelação*, **Revelar**, do latim *revelare*, cuja raiz, *velum*, véu, significa literalmente *sair de sob o véu*; e, no sentido figurado: *descobrir, dar a conhecer* uma coisa secreta ou desconhecida.

“A característica essencial de qualquer revelação tem que ser a **verdade**. Revelar um segredo é tornar conhecido um fato; se é falso, já não é um fato e, por consequência, não existe revelação. Toda revelação desmentida por fatos deixa de o ser, se for atribuída a Deus. Deus não podendo mentir, nem se enganar, ela não pode emanar d’Ele: deve ser considerada produto de uma concepção humana.

“O Espiritismo é consequência direta da doutrina do Cristo, pois parte de Suas próprias palavras, como Este partiu das palavras de Moisés. À ideia vaga da vida futura, acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso estabelece a crença, dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade à ideia. Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte.

“A primeira revelação teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não a tem em indivíduo algum. As duas primeiras foram individuais, a terceira coletiva; aí está um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma; ninguém, por consequência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: **“Disse o Senhor: nos últimos tempos derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os seus filhos e filhas profetizarão, os jovens terão visões e os velhos terão sonhos.”** (Atos, 2:17-18.) Ela não proveio de nenhum culto especial, a fim de servir um dia, a todos, de ponto de ligação.

“As duas primeiras revelações — sendo fruto do ensino pessoal —, ficaram forçosamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a ideia se propagou pouco a pouco; mas, foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem mesmo o invadirem inteiramente. A terceira tem isto de particular: não estando personificada em um só indivíduo, surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se esses centros, seus raios se reúnem pouco a pouco, como os círculos formados por uma multidão de pedras lançadas na água, de tal sorte que, em dado tempo, acabarão por cobrir toda a superfície do globo.

“Essa uma das causas da rápida propagação da doutrina. Se ela tivesse surgido

num só ponto, se fosse obra exclusiva de um homem, teria formado seitas em torno dela; e talvez decorresse meio século sem que ela atingisse os limites do país onde começara, ao passo que, após dez anos, já estende raízes de um polo a outro”.

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. I, Itens: 2, 3, 30, 45 e 46)

2 – TESTEMUNHO E REVELAÇÃO

Uma vez comprovada a veracidade da mediunidade, o passo seguinte de Kardec foi colher o máximo de informações sobre a constituição do plano espiritual e sobre seus habitantes – os Espíritos. Esse seria o procedimento básico de um cientista comum, caso descobrisse um meio de comunicação com um habitante de um extraterrestre, por exemplo.

O que os Espíritos disseram, confirmaram teses já levantadas por gerações passadas, tais como: a sobrevivência da alma após a morte corporal, a reencarnação (como os druidas pregavam) e a soberania de Deus (como praticamente todas as religiões creem). Mas revelaram muitos pontos desconhecidos ou inexplicáveis até então. Por exemplo: o perispírito e suas relações com a alma e com o corpo humano.

Eis os pontos principais:

- **Soberania Divina:** Deus é o princípio de tudo e tudo que há foi criado por Ele. É eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom;
- **As Leis Naturais:** são divinas e perfeitas, pois que Deus é seu Autor;
- **Mundo Espiritual:** habitação dos Espíritos desencarnados, preexistente e sobrevive ao plano material (nosso mundo atual);
- **Os Espíritos:** são os seres inteligentes da criação, individuais e imortais;
- **Perispírito:** é o corpo do Espírito. Durante a encarnação, o perispírito serve de ligação entre a alma (Espírito encarnado) e o corpo humano;
- **Reencarnação:** cada Espírito passa por várias encarnações, experimentando diversas situações para progredir, tanto em intelecto como em moral. Durante a viagem carnal, esquece temporariamente seus antecedentes, mas ao desencarnar, recobra paulatinamente as lembranças de quem é e do que fez;
- **Evolução:** os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas com plenas aptidões para evoluírem, segundo seus esforços. Por essa razão, há diferentes posições na escala de progresso (Espíritos atrasados, medianos e superiores);
- **Livre-arbítrio:** cada um tem a liberdade de pensar e agir conforme sua vontade, mas respondem pelas consequências de seus atos. Eis a lei de “causa e efeito”;
- **Porvir:** a vida futura reserva a cada um as penas e gozos compatíveis com o procedimento de respeito ou não às leis de Deus, bem como nosso estágio atual reflete o que fizemos no pretérito;
- Todos caminham para a perfeição e lá chegaram um dia, mais cedo ou mais tarde, conforme os esforços de cada um;
- A prece torna o homem melhor. Aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo. Este é um socorro que jamais é recusado, quando pedido com sinceridade;
- As relações dos Espíritos com os homens são constantes e sempre existiram. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, sustentam-nos nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os imperfeitos nos induzem ao erro.
- Jesus é o guia e modelo para toda a Humanidade e a Doutrina que ensinou e exemplificou é a expressão mais pura da Lei de Deus.

- A moral do Cristo, contida no Evangelho, é o roteiro para a evolução segura de todos os homens, e a sua prática é a solução para todos os problemas humanos e o objetivo a ser atingido pela Humanidade.

3 – FLUÊNCIA DA CIÊNCIA ESPÍRITA

Evidentemente que ainda estamos longe do conhecimento completo das leis de Deus – embora o Espiritismo tenha nos clareado um horizonte muito mais largo do que tínhamos até então. Porém, por ser uma ciência experimental progressiva, a Doutrina Espírita abre-nos a possibilidade de explorarmos cada vez mais a fundo o desconhecido, que por sua vez, revela-se gradativamente, conforme nossa evolução.

“Um último caráter da revelação espírita, a ressaltar das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser e não pode deixar de ser essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação (...)

“Então, o Espiritismo não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação (...). Caminhando ao lado o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará”.

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. I, Item 55)

PESQUISA COMPLEMENTAR

Pesquisar textos externos (enciclopédias, por exemplo) sobre:

Moisés – Primeira Revelação; Evangelho (Boa Nova) de Jesus – Segunda Revelação.

Livro: “O QUE É O ESPIRITISMO” Allan Kardec. “CONHECENDO O ESPIRITISMO”, Louis Neilmoris.

Filme-documentário: “A TERCEIRA REVELAÇÃO – A Morte não existe”, Editora Mundo Maior Filmes.

PALAVRA ESPÍRITA

A Terceira Revelação

“Muitas coisas ainda tenho a lhes dizer, mas vocês não podem suportar agora. Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, lhes ensinará toda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá o que ouvir, e lhes anunciará as coisas que virão”.

Jesus (João, 16:12-13)

Um dia, Deus, em sua inesgotável caridade, permitiu que o homem visse a verdade varar as trevas. Esse dia foi o do advento do Cristo. Depois da luz viva, as trevas voltaram. Após alternativas de verdade e obscuridade, o mundo novamente se perdia. Então, semelhantemente aos profetas do Antigo Testamento, os Espíritos se puseram a falar e a lhes advertir. O mundo está abalado em seus fundamentos; o trovão reboará. Sejam firmes!

O Espiritismo é de ordem divina, pois que se sustenta nas próprias leis da Natureza, e estejam certos de que tudo o que é de ordem divina tem objetivo grande e útil. O seu mundo se perdia; a Ciência – desenvolvida à custa do que é de ordem moral, mas conduzindo-os ao bem-estar material – redundava em proveito do espírito das trevas. Como sabem, cristãos, o coração e o amor têm de caminhar unidos à Ciência. Ah! Passados que são dezoito séculos e apesar do sangue de tantos mártires, o reino do Cristo ainda não veio. Cristãos, voltem para o Mestre, que quer salvá-los. Tudo é fácil para aquele que crê e ama; o amor o enche de inefável alegria. Sim, meus filhos, o mundo está abalado; os bons Espíritos lhes dizem com fartura; dobrem-se à rajada que anuncia a tempestade, a fim de não sejam derrubados, isto é, preparem-se e não imitem as virgens loucas, que foram apanhadas desprevenidas à chegada do esposo.

A revolução que se apressa é mais moral do que material. Os grandes Espíritos – mensageiros divinos – sopram a fé, para que todos vocês, obreiros esclarecidos e ardorosos, façam ouvir a sua voz humilde, porque são o grão de areia; mas, sem grãos de areia, não existiriam as montanhas. Pois assim, que estas palavras “somos pequenos” careçam para vocês de significação. A cada um a sua missão, a cada um o seu trabalho. A formiga não constrói o edifício de sua república e imperceptíveis animaizinhos não elevam continentes? Começou a nova cruzada.

Apóstolos da paz universal, que não de uma guerra, modernos São Bernardos, olhem e marchem para frente; a lei dos mundos é a do progresso.

Fénelon

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. I, Item 10)

TRÍPLICE ASPECTO DO ESPIRITISMO

ESPIRITISMO, COMO CIÊNCIA, FILOSOFIA E RELIGIÃO – CONFLITO ENTRE RELIGIÃO E CIÊNCIA

1 – CONCEITUAÇÃO DO ESPIRITISMO

Ainda há muitas controvérsias a respeito de como conceituar o Espiritismo. Afinal, é uma ciência ou uma filosofia? Também é uma religião ou não?

A dificuldade está no fato de ser uma doutrina diferente de tudo o que já se viu. Ela contém fundamentos revolucionários em três âmbitos: ciência, filosofia e religião, mas de uma ordem tal que transcende os modelos convencionais humanos. É, por assim dizer, um novo formato científico, filosófico e religioso.

Allan Kardec a definiu assim:

“O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que vêm dessas mesmas relações”.

(O QUE É O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Preâmbulo)

“O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que obrigatoriamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas, não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo sacerdote. Estes qualificativos são de pura invenção da crítica”.

(O QUE É O ESPIRITISMO, Allan Kardec – ‘Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo)

Estudaremos agora cada um dos três aspectos, separadamente, para clarear as coisas:

2 – CIÊNCIA ESPÍRITA

O Espiritismo nasceu como uma ciência comum, com o objetivo de observar um determinado curso, que nesse caso, trata-se dos fenômenos espirituais. E a ciência prática permanece em desenvolvimento, estudando sempre toda nova relação que surgir.

Um exemplo ressaltante disso são as mais recentes formas de intercâmbio entre os dois planos – espiritual e material – através de aparelhos eletrônicos (rádio, televisão e internet), chamado de Transcomunicação Instrumental (TCI).

A ciência espírita abrange as relações da matéria comum com o elemento espiritual, coisa que as ciências ordinárias não alcançam.

3 – FILOSOFIA ESPÍRITA

O “objeto” estudado mostrou-se inteligente – os Espíritos –, desenvolvendo assim, um código de conceitos e ensinamentos morais e éticos. Daí, tiramos a Filosofia Espírita.

A filosofia nasce a partir das interrogações, análises e suposições (quando os indivíduos buscam compreender o princípio racional das causas, problemas e consequências do relacionamento mútuo). Assim também os Espíritos procedem. Portanto, eis o aspecto filosófico do Espiritismo. O elemento novo aqui é a relação dos estados: encarnado e desencarnado.

Enquanto a Filosofia tradicional se restringe ao plano humano, o Espiritismo – como síntese de todo o conhecimento – transcende para a infinidade universal, antes inalcançável pela ótica meramente humana.

4 – RELIGIOSIDADE ESPÍRITA

As religiões convencionais se caracterizam por uma diversidade de princípios, tais como dogmas, símbolos e cultos externos – exigências para a “salvação”, atribuindo à igreja o papel de ponte imprescindível a ligar o homem a Deus –, práticas que o Espiritismo não tem e por isso não é uma religião constituída. Mas como sua filosofia concentra-se na Divindade, é de caráter religioso.

“O Espiritismo é forte porque assenta sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras; sobretudo, porque mostra que essas penas e recompensas são corolários naturais da vida terrestre e, ainda, porque, no quadro que apresenta do futuro, nada há que a razão mais exigente possa recusar”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Conclusão, Item V)

Quando dizemos que o Espiritismo não é uma religião constituída, referimo-nos ao fato de não o colocar como um intermediário obrigatório, com sacramentos ou comando hierárquico a ser seguido. O papel religioso do Espiritismo é somente ajudar o indivíduo a se evangelizar. É um papel semelhante ao de uma escola. Mas a “ponte” entre nós e Deus são nossos esforços para progredirmos e fazermos o bem.

A verdadeira Religião é: “o sentimento Divino, cujas exteriorizações são sempre o Amor, nas expressões mais sublimes” – definição de Emmanuel, em “O CONSOLADOR”, 3ª Parte, questão 260. Sob essa concepção, Allan Kardec respondeu se o Espiritismo é uma religião:

“Se é assim, perguntarão: então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores! No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos vangloriamos por isto, porque é a Doutrina que funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza.

“Por que, então, não declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Em razão de não haver senão uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; porque desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí mais que uma nova edição, uma variante, se se quiser, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias e de privilégios; não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a opinião se levantou.

“Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral”.

(REVISTA ESPÍRITA, Allan Kardec – Ano 1868, Nº 12, “Discurso de Abertura pelo Sr. Allan Kardec: o Espiritismo é uma religião?”)

5 – CONFLITOS TEÓRICOS

Emmanuel assim define a causa dos conflitos entre religiões:

“Religião, para todos os homens, deveria compreender-se como o sentimento divino que clarifica o caminho das almas e que cada Espírito apreenderá na pauta do seu nível evolutivo.

“Neste sentido, a Religião é sempre a face augusta e soberana da Verdade; porém, na inquietação que lhes caracteriza a existência na Terra, os homens se dividiram em numerosas religiões, como se a fé também pudesse ter fronteira, à semelhança das pátrias materiais, tantas vezes mergulhadas no egoísmo e na ambição de seus filhos. Dessa falsa interpretação tem nascido no mundo as lutas antifraternais e as dissensões religiosas de todos os tempos”.

(O CONSOLADOR, pelo Espírito Emmanuel, Francisco Cândido Xavier, questão 292)

Muito densas também são as controvérsias entre ciência e religião. A causa principal disso é que cada qual pretende deter a verdade para si, sendo que é impossível chegar ao topo separadamente.

Tudo se completa com o Espiritismo, que acompanha o conhecimento das ciências em acordo com as revelações espirituais.

“Nenhuma crença religiosa, por lhes ser contrária, pode negar os fatos que a Ciência comprova de modo peremptório. A religião não pode deixar de ganhar em autoridade acompanhando o progresso dos conhecimentos científicos, como não pode deixar de perder, caso se conserve retardatária, ou a protestar contra esses mesmos conhecimentos em nome dos seus dogmas, visto que nenhum dogma poderá prevalecer contra as leis da Natureza, ou anulá-las. Um dogma que se funde na negação de uma lei da Natureza não pode exprimir a verdade.

“O Espiritismo – que se funda no conhecimento de leis até agora incompreendidas – não vem destruir os fatos religiosos, porém comprová-los, dando-lhes uma explicação racional. Vem destruir apenas as falsas consequências que deles foram deduzidas, em virtude da ignorância daquelas leis, ou de as terem interpretado erradamente”.

(OBRAS PÓSTUMAS, Allan Kardec – ‘Manifestação dos Espíritos’, Item 7)

“Assim como a Ciência propriamente dita tem por objetivo o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro chega aos sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo”.

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. I, Item 16)

PESQUISA COMPLEMENTAR

Pesquisar textos externos (enciclopédias, por exemplo) sobre:

Ciência, Filosofia, Religião.

Livros: “RELIGIÕES”, pelo Espírito Emmanuel, Francisco Cândido Xavier, Editora FEB;
“O ESPIRITISMO FILOSÓFICO” de Pedro Franco Barbosa, Editora FEB.

PALAVRA ESPÍRITA

Espiritualidade interna e externa

“Nem todos os que me dizem: ‘Senhor! Senhor!’ entrarão no reino dos céus; apenas entrará aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, nesse dia, me dirão: ‘Senhor! Senhor! Não profetizamos em teu nome? Não expulsamos em teu nome o demônio? Não fizemos muitos milagres em teu nome?’ Eu então lhes direi em altas vozes: ‘Afastem-se de mim, vocês que fazem obras de perversidade’”.

Jesus (Mateus, 7:21-23)

Todos os que reconhecem a missão de Jesus dizem: “Senhor! Senhor!”. Mas, de que serve lhe chamarem “Mestre” ou “Senhor”, se não seguem os Seus preceitos? Serão cristãos os que o honram com atos exteriores de devoção e, ao mesmo tempo, sacrificam ao orgulho, ao egoísmo, à ambição e a todas as suas paixões? Serão Seus discípulos os que passam os dias em oração e não se mostram nem melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes para com seus semelhantes? Não, pois, do mesmo modo que os fariseus, eles têm a prece nos lábios e não no coração. Pela forma poderão impor-se aos homens; não, porém, a Deus. Em vão eles dirão a Jesus: “Senhor! não profetizamos, isto é, não ensinamos em Teu nome; não expulsamos em Teu nome os demônios; não comemos e bebemos contigo?” Ele lhes responderá: “Não sei quem são; afastem-se de mim, vocês que cometem iniquidades, vocês que desmentem com os atos o que dizem com os lábios, que caluniam o seu próximo, que espoliam as viúvas e cometem adultério. Afastem-se de mim, vocês cujo coração destila ódio e fel, que derramam o sangue dos seus irmãos em meu nome, que fazem corram lágrimas, em vez de secá-las. Para vocês, haverá prantos e ranger de dentes, porque o reino de Deus é para os que são brandos, humildes e caridosos. Não esperem dobrar a justiça do Senhor pela multiplicidade das suas palavras e das suas genuflexões. O caminho único que lhes está aberto, para acharem graça perante Ele, é o da prática sincera da lei de amor e de caridade”.

São eternas as palavras de Jesus, porque são a verdade. Constituem não só a salvaguarda da vida celeste, mas também o penhor da paz, da tranquilidade e da estabilidade nas coisas da vida terrestre. Eis por que todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas, que se apoiarem nessas palavras, serão estáveis como a casa construída sobre a rocha. Os homens as conservarão, porque se sentirão felizes nelas. Porém, as que forem uma violação daquelas palavras, serão como a casa edificada na areia: o vento das renovações e o rio do progresso as arrastarão.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XVIII, Itens: 6 e 9)

MEDIUNIDADE

MÉDIUNS PESQUISADOS POR KARDEC – SENSIBILIDADE NATURAL E DESENVOLVIDA – RESPONSABILIDADES E COMPLICAÇÕES

1 – MEDIUNIDADE E MÉDIUM

Se o Espiritismo nasceu do estudo dos fenômenos, estes são frutos de uma das prerrogativas da Natureza: a mediunidade.

“A mediunidade é aquela luz que seria derramada sobre toda carne e prometida pelo Divino Mestre aos tempos do Consolador, atualmente em curso na Terra”.

(O CONSOLADOR, pelo Espírito Emmanuel, Francisco Cândido Xavier – Questão 382)

A mediunidade é um meio de intercâmbio entre os planos espirituais e materiais, tal qual a visão, tato e audição são meios de comunicação humana. Ela alargou os horizontes dos homens pela Doutrina Espírita, embora preceda e tenha vida própria também fora do Espiritismo. Os médiuns são os mediadores entre os dois planos.

“Todo aquele que sente a influência dos Espíritos num grau qualquer é, por esse fato, médium. Essa capacidade é natural ao homem; portanto, não constitui um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, são raras as pessoas que não possuam alguns rudimentos dela. Então, podemos dizer que todos são mais ou menos médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos evidentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. Além disso, é notável que essa aptidão não se revela em todos da mesma maneira. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações. As principais são: a dos médiuns de efeitos físicos; a dos médiuns sensitivos, ou impressionáveis; a dos audientes; a dos videntes; a dos sonambúlicos; a dos curadores; a dos pneumatógrafos; a dos escreventes, ou psicógrafos”.

(O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec – Cap. XIV, Item 159)

De maneira geral, todos somos médiuns porque podemos receber influências dos Espíritos, porém, chamamos assim aqueles que têm mediunidade ostensiva. Um paralelo: todos nós podemos rabiscar figuras, mas chamamos de desenhistas aqueles que têm uma aptidão mais apurada para desenho.

Os tipos de mediunidade são variados, distribuídos em duas categorias: efeitos físicos e inteligentes. Da primeira classe, temos os exemplos de: movimento de objetos inertes, pancadas e ruídos. São exemplos da segunda categoria: a audiência (mensagens ouvidas), psicografia (escrita das mensagens) e vidência (mensagem visual).

Os efeitos variam também em intensidade, que vai de uma simples intuição até atos mais proeminentes (como numa materialização de Espírito, por exemplo).

2 – PESQUISA DE KARDEC

As primeiras manifestações mediúnicas – tais que despertaram o interesse científico moderno – foram de efeitos físicos, como as pancadas e arrastões em Hydesville e a dança das mesas. Em seguida, vieram as de efeitos inteligentes e reveladores.

É importante observar essa ordem, pois, facilitou a constatação positiva dos efeitos. Quando Jesus disse ao paralisado: “Teus pecados estão perdoados!”, nada convincente demonstrou aos contemporâneos. Mas quando disse: “Levanta-te e anda”, criou um impacto fulminante em todos. Foram as mesas girantes que convenceram primeiro, para depois derramar a graça dos efeitos inteligentes (filosofia moral e religiosa).

Para codificar a nova doutrina, Kardec perscrutou vários médiuns, comparou milhares de mensagens e se valeu de um guia especial, o Espírito Verdade.

Conhecendo o potencial desta faculdade, Kardec explorou o tema e dedicou grande parte de seu trabalho, junto aos Espíritos superiores, na elaboração de um modelo de conduta segura para os médiuns. Por conseguinte, o “O LIVRO DOS MÉDIUNS” é o melhor guia para a mediunidade.

3 – OBJETIVOS DA MEDIUNIDADE

Bem como a humanidade desenvolveu, através das gerações, as habilidades da fala e da escrita, a mediunidade dilata-se como instrumento para nossa evolução.

“A missão mediúnica, se tem os seus percalços e as suas lutas dolorosas, é uma das mais belas oportunidades de progresso e de redenção concedidas por Deus aos seus filhos misérrimos.

“Sendo luz que brilha na carne, a mediunidade é atributo do Espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena, enriquecendo todos os seus valores no capítulo da virtude e da inteligência, sempre que se encontre ligada aos princípios evangélicos na sua trajetória pela face do mundo”.

(O CONSOLADOR, pelo Espírito Emmanuel, Francisco Cândido Xavier – Questão 382)

A mediunidade está prevista na Bíblia:

“Acontecerá nos últimos dias – é Deus quem fala –, que derramarei do meu Espírito sobre todo ser vivo: os seus filhos e as suas filhas profetizarão. Os jovens terão visões, e os idosos sonharão”.

(Atos dos Apóstolos, 2:17)

4 – MEDIUNIDADE NATURAL E DESENVOLVIDA

Não há classe privilegiada para receber a mediunidade, nem mesmo a dos espíritas. Ela se apresenta espontaneamente a ricos e pobre, sábios e analfabetos, justos e delinquentes, crianças e idosos; homens e mulheres; religiosos ou ateus.

Em determinadas manifestações, o médium é ou não consciente dos efeitos. Os tipos desses efeitos e a procedência (a qualidade dos Espíritos que provocam os fenômenos) são concernentes à conduta moral do médium. Bons pensamentos e ações atraem bons Espíritos; pessoas gaiatas atraem Espíritos semelhantes, que se servem deste alguém para realizarem seus desejos gaiatos.

A mediunidade também pode ser desenvolvida, mas é altamente recomendado o estudo criterioso da Codificação kardequiana, acompanhado por um grupo preparado e sempre visando um objetivo útil ao bem comum; nunca por curiosidade ou prova da espiritualidade.

5 – RESPONSABILIDADES E COMPLICAÇÕES

Como tudo que fazemos, a atividade de mediunidade está sujeita à lei de causa e efeito. O médium tem o livre-arbítrio para agir, mas responderá pelas consequências de seus atos praticados relativos a seus dons.

É claro que a vaidade, o orgulho e a ganância humana pode se aproveitar da mediunidade para interesses escusos. Eis aí complicações possíveis. Também isso pode ocorrer com todo aquele que tem o dom da oratória, da lábia maliciosa, para usurpar valores de outrem. Não se segue que daí, essas pessoas devam ser mudas: o que é preciso é a formação de conduta.

Uma sentença negativa, que costumam dizer os detratores do Espiritismo, é a de que a mediunidade é uma janela para a loucura – da mesma forma que se diz do intelecto.

A mediunidade poderá produzir a loucura?

“Não mais do que qualquer outra coisa, desde que não haja predisposição para isso, em virtude de fraqueza cerebral. A mediunidade não produzirá a loucura, quando esta já não exista em germen; porém, existindo este, o bom-senso diz que se deve usar de cautelas, sob todos os pontos de vista, porque qualquer abalo pode ser prejudicial”.

(O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec – Cap. XVIII, Item 221, 5ª pergunta)

Estudaremos criteriosamente a mediunidade no transcorrer do curso.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Pesquisar textos externos (enciclopédias, por exemplo) sobre:

Mediunidade, Médium.

Livros: “MEDIUNIDADE E SINTONIA”, pelo Espírito Emmanuel, Francisco Cândido Xavier, Editora FEB; “MECANISMOS DA MEDIUNIDADE” pelo Espírito André Luiz, Francisco Cândido Xavier, Editora FEB.

PALAVRA ESPÍRITA

Doem de graça o que de graça receberam

“Restituam a saúde aos doentes, ressuscitem os mortos, curem os leprosos, expulsem os demônios. Doem gratuitamente o que tiverem recebido de graça”.

Jesus (Mateus, 10:8)

“Doem gratuitamente o que tiverem recebido de graça” diz Jesus a Seus discípulos. Com essa recomendação, prescreve que ninguém se faça pagar daquilo por que nada pagou. Ora, o que eles haviam recebido gratuitamente era a capacidade de curar os doentes e de expulsar os demônios, isto é, os maus Espíritos. Esse dom Deus deu gratuitamente a eles para alívio dos que sofrem e como meio de propagação da fé; então, Jesus recomendava-lhes que não fizessem dele objeto de comércio, nem de especulação, nem meio de vida.

Os médiuns atuais – pois que também os apóstolos tinham mediunidade – igualmente receberam de Deus um dom gratuito: o de serem intérpretes dos Espíritos, para instrução dos homens, para lhes mostrar o caminho do bem e conduzi-los à fé, não para lhes vender palavras que não lhes pertencem, a eles médiuns, visto que não são fruto de suas concepções, nem de suas pesquisas, nem de seus trabalhos pessoais. Deus quer que a luz chegue a todos; não quer que o mais pobre fique dela privado e possa dizer: “não tenho fé, porque não a pude pagar; não tive o consolo de receber os encorajamentos e os testemunhos de afeição dos que pranteio, porque sou pobre”. Tal a razão por que a mediunidade não constitui privilégio e se encontra por toda parte. Fazê-la paga seria, pois, desviá-la do seu providencial objetivo.

Quem conhece as condições em que os bons Espíritos se comunicam, a repulsão que sentem por tudo o que é de interesse egoístico, e sabe quão pouca coisa se faz necessário para que eles se afastem, jamais poderá admitir que os Espíritos superiores estejam à disposição do primeiro que apareça e os convoque a tanto por sessão. O simples bom-senso repele semelhante ideia. Não seria também uma profanação evocarmos, por dinheiro, os seres que respeitamos ou que nos são queridos? É fora de dúvida que se podem assim obter manifestações; mas, quem lhes poderia garantir a sinceridade? Os Espíritos levianos, mentirosos, brincalhões e toda a caterva dos Espíritos inferiores, nada escrupulosos, sempre acorrem, prontos a responder ao que se lhes pergunte, sem se preocuparem com a verdade. Então, quem deseje comunicações sérias deve, antes de tudo, pedi-las seriamente e, em seguida, inteirar-se da natureza das simpatias do médium com os seres do mundo espiritual. Ora, a primeira condição para se granjear a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais absoluto desinteresse moral e material.

Ao lado da questão moral, apresenta-se uma consideração efetiva, não menos importante, que entende com a natureza mesma da faculdade. A mediunidade séria não pode ser e nunca será uma profissão, não só porque se desacreditaria moralmente, identificada logo com a dos ledores da boa sorte, como também porque um obstáculo se opõe a isso: é que se trata de uma capacidade essencialmente móvel, temporária e mutável, da qual ninguém pode contar sempre.

Portanto, seria para o explorador, uma fonte absolutamente incerta de receitas, de natureza a poder faltar-lhe no momento exato em que mais necessária lhe fosse. Coisa diferente é o talento adquirido pelo estudo, pelo trabalho e que, por essa razão mesma, representa uma propriedade da qual naturalmente é lícito ao seu possuidor tirar proveito. Mas a mediunidade não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode tornar-se uma profissão. Ela não existe sem o auxílio dos Espíritos; faltando estes, já não há mediunidade. Pode existir a

aptidão, mas o seu exercício se anula. Daí vem que não há no mundo um único médium capaz de garantir a obtenção de qualquer fenômeno espírita a qualquer instante. Por consequência, alguém explorar a mediunidade é dispor de uma coisa da qual não é realmente dono. Afirmar o contrário é enganar a quem paga. E tem mais: não é de si próprio que o explorador dispõe; é da assistência dos Espíritos, das almas dos mortos, que ele põe a preço de moeda. Essa ideia causa instintiva repugnância. Foi esse tráfico, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição que motivou a proibição de Moisés. O moderno Espiritismo, compreendendo o lado sério da questão, pelo descrédito a que lançou essa exploração, elevou a mediunidade à categoria de missão.

A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de seus estudos, muitas vezes, feito à custa de sacrifícios penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, por vezes até a sua saúde. Podem pô-los preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nada cobravam pelas curas que operavam.

Então, aquele que carece do que viver, procure recursos em qualquer parte, menos na mediunidade; se assim for preciso, não dedique a ele senão o tempo de que materialmente possa dispor. Os Espíritos lhe levarão em conta o devotamento e os sacrifícios, ao passo que se afastam dos que esperam fazer deles uma escada por onde subam.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XXVI, Itens: 1, 2, 7 a 10)

CODIFICAÇÃO ESPÍRITA

AS OBRAS BÁSICAS DO ESPIRITISMO

1 – A CODIFICAÇÃO

A Doutrina é fruto da revelação dos Espíritos – costumava dizer Allan Kardec –, mas é notável que ela requereu o trabalho de colaboradores humanos, dos quais o referido francês é o credor maior. Sua tarefa foi copilar e organizar as mensagens, distribuindo-as por temas e correlacionando os tópicos.

Bem como são admiráveis as obras didático-pedagógicas do professor Rivail, a Codificação Espírita, por Allan Kardec, é aclamada pelos especialistas.

Camille Flammarion assim exclamou sobre o codificador:

“Em poucos anos, aquelas ideias conquistaram numerosos adeptos em todas as camadas sociais e em todos os países. Esse êxito sem precedentes decorreu sem dúvida da simpatia que tais ideias despertaram, mas também é devido, em grande parte, à clareza com que foram expostas e que é um dos característicos dos escritos de Allan Kardec.

“Evitando as fórmulas abstratas da Metafísica, ele soube fazer que todos o lessem sem fadiga, condição essencial à vulgarização de uma ideia. Sobre todos os pontos controversos, sua argumentação, de cerrada lógica, oferece poucas chances à refutação e predispõe à convicção. As provas materiais que o Espiritismo apresenta da existência da alma e da vida futura tendem a destruir as ideias materialistas e panteístas”.

(OBRAS PÓSTUMAS, Allan Kardec – Biografia de Allan Kardec)

2 – OBRAS BÁSICAS

A codificação espírita está contida nas cinco Obras Básicas, conhecidas como “Pentateuco Kardequiano”: “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, “O CÉU E O INFERNO” e “A GÊNESE”. Essas obras reúnem os pilares da Doutrina. Daí, ser leitura obrigatória e matéria de contínuo estudo para todo espírita. Mas não encerram tudo, visto que a revelação é ininterrupta e a ciência é progressista. Vejamos, a seguir, uma apresentação sucinta de cada uma das obras:

2.a – O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Apresentado em 18 de abril de 1857, em Paris, França, é considerado o lançamento oficial do Espiritismo ao público. Contém a síntese de toda a Doutrina e serviu de pedra angular para as demais obras, que são como extensões deste.

Explica a terminologia aplicada, faz um resumo do trabalho de codificação e dos conceitos básicos da Doutrina e, no corpo principal do livro, traz uma seleção de 1.019 perguntas e respostas, além de comentários e conclusão.

2.b – O LIVRO DOS MÉDIUNS

Sabendo da importância da mediunidade e da necessidade de entendê-la, Kardec dedicou o segundo livro da codificação ao referido tema e o publicou em janeiro de 1861.

Explica com todos os pormenores possíveis a causa, os meios e os efeitos das manifestações espirituais. Também esmiúça os caracteres que envolvem os médiuns, das suas capacidades e responsabilidades. Instrui e educa todo aquele que tem mediunidade ostensiva ou deseja desenvolvê-la. É o guia seguro para a execução prática do Espiritismo.

2.c – O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Carregada de beleza e riqueza de conteúdo, trata do aspecto moral da Doutrina, revivendo os ensinamentos puros de Jesus Cristo. Nela, os Espíritos interpretam várias passagens dos Evangelhos bíblicos e dissecam a mensagem cristã. Traz ainda uma coletânea de preces comuns.

Sua primeira edição é de abril de 1864, lançado com o título “IMITAÇÃO DO EVANGELHO”. A partir da terceira edição, passou a se chamar como se conserva atualmente.

2.d – O CÉU E O INFERNO

Publicado pela primeira vez em 1865, tem o subtítulo de “A JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO O ESPIRITISMO”. Faz um exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal para o plano espiritual, abordando as penas e recompensas futuras. Explica quem são os anjos e quem são os demônios.

Como valoroso acréscimo, reúne alguns exemplos concretos de trespasses e as diversas situações de desencarnados na vida espiritual.

2.e – A GÊNESE

Fechando o Pentateuco, o último livro, cujo subtítulo é: “Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo”, foi lançado em 1868.

Descreve o paralelo entre a Ciência e a Religião na construção da nossa evolução; analisa a origem do Universo e da Humanidade; as teorias evolucionistas; as leis da Natureza; os milagres de Jesus narrados nos Evangelhos bíblicos; as predições e a constituição do passado, do presente e do futuro.

3 – OBRAS COMPLEMENTARES

Além do Pentateuco, Allan Kardec nos legou de vasta produção literária – as obras complementares –, dentre as quais: “O QUE É O ESPIRITISMO” e “OBSESSÃO”. Fundou a “REVISTA ESPÍRITA”, jornal que nasceu com o objetivo de atualizar os fatos relativos e publicar matérias explicativas sobre dúvidas genéricas que eram enviadas à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos. O livro “OBRAS PÓSTUMAS” foi publicado após o desencarne de Allan Kardec pela Sociedade citada e contém importante conteúdo dos bastidores do trabalho do codificador em prol do Espiritismo.

4 – LITERATURA ESPÍRITA

Fora das obras kardequianas, nós encontramos infinitos lançamentos. Alguns são verdadeiros best-sellers e já se tornaram clássicos no meio popular.

Dos continuadores diretos do codificador, e também seus conterrâneos, temos dois escritores de destaques e suas respectivas obras principais:

- **Léon Dennis** (1846-1927): “CRISTIANISMO E ESPIRITISMO”, “DEPOIS DA MORTE”, “NO INVISÍVEL”, “O GRANDE ENIGMA”, “O PROBLEMA DO SER, DO DESTINO E DA DOR”, “O PORQUÊ DA VIDA” e “SOCIALISMO E ESPIRITISMO”.
- **Gabriel Delanne** (1857-1926): “O ESPIRITISMO PERANTE A CIÊNCIA”, “A EVOLUÇÃO ANÍMICA”, “A ALMA É IMORTAL” e “O FENÔMENHO ESPÍRITA”.

Do século XX, desembarcando no Brasil, temos entre escritores propriamente ditos:

- **Carlos Torres Pastorino** (1910-1980): “MINUTOS DE SABEDORIA”, “TÉCNICA DE MEDIUNIDADE”, “SABEDORIA DO EVANGELHO”, “TUA MENTE, TUA VIDA”;
- **José Herculano Pires** (1914-1979): “VAMPİRISMO”, “O CENTRO ESPÍRITA” e “VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA”, “OBSESSÃO, PASSES E DOCTRINAÇÃO”, “O ESPÍRITO E O TEMPO”.

Na linha da psicografia, destacam-se: **Yvonne A. Pereira** (1900-1984), com o clássico: “MEMÓRIAS DE UM SUICIDA” (pelo Espírito de Camilo Cândido Botelho); e **Francisco Cândido Xavier** (1910-2002) – o mais proeminente autor espírita, depois de Kardec – com verdadeiras joias literárias, através de mentores espirituais como Emmanuel (“A CAMINHO DA LUZ”, “O CONSOLADOR”, “HÁ DOIS MIL ANOS”, “PAULO E ESTÊVÃO”, etc.) e André Luiz (“NOSSO LAR”, “EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS”, “OBREIROS DA VIDA ETERNA”, “SEXO E DESTINO”, etc.).

Mais recentemente, encontramos autores como: **Divaldo Pereira Franco** (psicografias de Joanna de Ângelis, Manoel Philomeno de Miranda entre outros), e **José Raul Teixeira** (psicografias do Espírito Camilo e outros).

Esses autores e suas respectivas obras nos transmitem um conteúdo complementar à Doutrina, embora possam, aqui e ali, emitir opiniões próprias e, com isso, divergirem em determinados pontos.

Como é notório que a literatura espírita cresce vertiginosamente, é comum que esteja surgindo mais e mais autores e títulos novos com o rótulo de espíritas, porém, é preciso fazer uma apreciação sobre a concordância do conteúdo publicado com as teses doutrinárias e não atribuir ao Espiritismo todas as ideias particulares de um indivíduo – seja ele espírita ou não.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Pesquisar textos externos (enciclopédias, por exemplo) sobre:
Literatura Espírita.

Livros: “MINUTOS DE SABEDORIA”, de Carlos Torres Pastorino, Editora Vozes.

PALAVRA ESPÍRITA

Missão dos espíritas

“Vão por todo mundo e preguem o Evangelho a toda criatura”.

Jesus (Mateus, 10:8)

“Já não escutaram o ruído da tempestade que há de arrebatá-lo o velho mundo e abismar no nada o conjunto das iniquidades terrenas? Ah, bendigam o Senhor, vocês que haverão posto a fé na Sua soberana justiça e que, novos apóstolos da crença revelada pelas proféticas vozes superiores, vão pregar o novo dogma da reencarnação e da elevação dos Espíritos, conforme tenham cumprido, bem ou mal, suas missões e suportado suas provas terrestres! Não se assustem mais! As línguas de fogo estão sobre as suas cabeças. Ó, verdadeiros adeptos do Espiritismo! São os escolhidos de Deus! Vão e preguem a palavra divina. É chegada a hora em que deverão sacrificar os seus hábitos pela Sua propagação, os seus trabalhos, as suas ocupações fúteis... Vão e preguem. Os Espíritos elevados estão com vocês. Certamente falarão a criaturas que não quererão escutar a voz de Deus, porque essa voz as exorta à abnegação sem cessar. Pregarão o desinteresse aos avaros, a abstinência aos devassos, a mansidão aos tiranos domésticos, como aos ditadores! Palavras perdidas, eu o sei; mas não importa. Faz-se necessário regueis com os seus suores o terreno onde tendes de semear, porquanto ele não frutificará e não produzirá senão sob os reiterados golpes da enxada e da charrua evangélicas. Vão e preguem!

Ó, todos vocês, homens de boa-fé, conscientes da sua inferioridade em face dos mundos disseminados pelo Infinito!... Lancem-se em cruzada contra a injustiça e a iniquidade. Vão e invalidam esse culto do bezerro de ouro, que cada dia mais se alastra.

Vão, Deus guia a vocês! Homens simples e ignorantes, suas línguas se soltarão e falarão como nenhum orador fala. Vão e preguem, que as populações atentas recolherão felizes as suas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz. Que importam as emboscadas que lhes armem pelo caminho! Somente lobos caem em armadilhas para lobos, porquanto o pastor saberá defender suas ovelhas das fogueiras imoladoras.

Vão, homens, grandes diante de Deus, mais ditosos do que Tomé, que creem sem fazerem questão de ver e aceitam os fatos da mediunidade, mesmo quando não tenham conseguido obtê-los por si mesmos; Vão, o Espírito de Deus os conduz.

Marchem, pois, avante, falange imponente pela tua fé! Diante de ti os grandes batalhões dos incrédulos se dissiparão, como a bruma da manhã aos primeiros raios do Sol nascente.

A fé é a virtude que desloca montanhas, disse Jesus. Todavia, mais pesados do que as maiores montanhas, jazem depositados nos corações dos homens a impureza e todos os vícios que derivam da impureza. Então, partam cheios de coragem, para removerem essa montanha de iniquidades que as futuras gerações só deverão conhecer como lenda, do mesmo modo que vocês, que só muito imperfeitamente conhecem os tempos que antecederam a civilização pagã.

Sim, em todos os pontos do Globo vão produzir-se as subversões morais e filosóficas; aproxima-se a hora em que a luz divina se espargirá sobre os dois mundos.

Pois, vão e levem a palavra divina: aos grandes que a desprezarão, aos eruditos que exigirão provas, aos pequenos e simples que a aceitarão; porque, principalmente entre os mártires do trabalho, desta provação terrena, encontrarão fervor e fé. Vão; estes receberão,

com hinos de gratidão e louvores a Deus, a santa consolação que lhes levarão, e baixarão a frente, rendendo-lhe graças pelas aflições que a Terra lhes destina.

Arme-se a sua falange de decisão e coragem! Mãos à obra! O arado está pronto; a terra espera; arem!

Vão e agradeçam a Deus a gloriosa tarefa que Ele confiou a vocês; mas, atenção! Entre os chamados para o Espiritismo muitos se transviaram; reparem, pois, seu caminho e sigam a verdade.

Pergunta. – Se, entre os chamados para o Espiritismo, muitos se transviaram, quais os sinais pelos quais reconheceremos os que se acham no bom caminho?

Resposta. – Reconhecerão os espíritos pelos princípios da verdadeira caridade que eles ensinarão e praticarão. Reconhecerão a eles pelo número de aflitos a que levem consolo; eles serão reconhecidos pelo seu amor ao próximo, pela sua abnegação, pelo seu desinteresse pessoal; reconhecê-los-eis, finalmente, pelo triunfo de seus princípios, porque Deus quer o triunfo de Sua lei; os que seguem Sua lei, esses são os escolhidos e Ele lhes dará a vitória; mas Ele destruirá aqueles que falseiam o espírito dessa lei e fazem dela degrau para contentar sua vaidade e sua ambição.

Erasto, anjo da guarda do médium

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XX, Item 4)

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

ESTUDO DIRIGIDO SOBRE A OBRA

1 – SÍNTESE DA OBRA

Convencionou-se dizer que o lançamento de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, em 18 de abril de 1857 foi a inauguração oficial do Espiritismo. Isto porque ele contém os fundamentos da Doutrina e é a partir dele que se desenvolvem as demais obras espíritas. Por esse tempo, o professor Rivail estava ciente da missão que lhe foi confiada, adotou o pseudônimo de Allan Kardec e publicou o livro para que a Terceira Revelação finalmente chegasse ao conhecimento popular.

Fazendo jus à confiança da parte dos seus reveladores — os Espíritos —, o codificador conseguiu distribuir o conteúdo de forma extremamente inteligente, de modo a ser lido tanto retilineamente; tanto em trechos randômicos ou possa ser facilmente consultado para pesquisa de temas específicos.

Analisemos a disposição desta obra:

2 – INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA

Apresenta o trabalho, explicando a terminologia aplicada (criação dos novos verbetes: Espiritismo, Espírita, Espiritista) e fazendo um breve resumo das origens da Doutrina (dos fenômenos físicos à Revelação), da mediunidade e do papel do médium, publicando os pontos principais do Espiritismo.

Um item dessa parte que merece destaque especial por parte dos iniciantes é o VIII, que começa com a sentença seguinte:

“Acrescentemos que o estudo de uma doutrina, qual a Doutrina Espírita, que nos lança de repente numa ordem de coisas tão nova quão grande, só pode ser feito com utilidade por homens sérios, perseverantes, livres de preconceitos e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado”.

3 – PROLEGÔMENOS

Essa seção é um prefácio assinado pelos Espíritos Superiores que contribuíram para a codificação da Doutrina (São João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luís, O Espírito de Verdade, Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin, Swedenborg, etc.), dando seus testemunhos e exortando-nos ao “bom combate”.

Eis um trecho saliente:

“Este livro é o repositório de seus ensinamentos. Foi escrito por ordem e mediante ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. Nada contém que não seja a expressão do

pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem obra daquele que recebeu a missão de publicá-los.”

(6º parágrafo)

4 – CORPO PRINCIPAL

É disposto na forma de entrevista direta aos Espíritos, num total de 1.019 questões. Sobre certas respostas Allan Kardec faz comentários logo adiante.

Os temas são organizados e divididos inicialmente em quatro partes:

4.a – PARTE PRIMEIRA: Das Causas Primárias

Abrange indagações sobre Deus, os elementos gerais do Universo, a Criação e o Princípio Vital. Já pela primeira questão, sentimos a profundidade do livro:

1. O Que é Deus?

“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.”

No decorrer dessa seção, os Espíritos fazem a descrição mais próxima de Deus (considerando nossa atual capacidade de compreensão), das provas da sua existência e dos seus atributos; do princípio das coisas, da criação dos mundos e dos seres vivos; dos elementos materiais e espirituais, da vida e da morte.

4.b – PARTE SEGUNDA: Do Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos

Dedica-se sobre quem são e de onde vêm os Espíritos, do seu corpo (perispírito), da organização da vida espiritual, da escala evolutiva, das encarnações, das emancipações da alma, comunicabilidade, etc.

Uma afirmação surpreendente para os leigos é a resposta à questão 85, que pergunta sobre qual é o mundo principal – o mundo espírita (dos Espíritos) ou o mundo corpóreo (em que vivemos agora). Aqui está: “O mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo”.

Esta parte trata das coisas mais reveladoras, considerando as contradições das interpretações comuns ao tema, como é o caso das relações entre os dois planos através da mediunidade.

4.c – PARTE TERCEIRA: Das Leis Morais

Expressa os fundamentos da Filosofia Espírita. Pondera a distinção entre a Lei Divina ou Natural (de Deus) e as leis humanas. A interpretação das leis é subdividida assim: lei de adoração; lei do trabalho; lei de reprodução; lei de conservação; lei de destruição; lei da sociedade; lei do progresso; lei de igualdade; lei de liberdade; lei de justiça; de amor e de caridade; e da perfeição moral. Aqui, o espírita absorve os preceitos mais acertados para conduzir sua vida.

Sobre a disposição das leis de Deus, eis uma interrogação bem aplicada:

621. Onde está escrita a lei de Deus?

“Na consciência.”

a) — Visto que o homem traz a lei de Deus em sua consciência, que necessidade havia de ela ser revelada?

“Ele a esqueceu e despezou. Então, Deus quis lhe fosse lembrada”.

Respondendo à questão 625, os colaboradores espirituais indicaram “Jesus” como o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo.

4.d PARTE QUARTA: Das Esperanças e Consolações

Contém apenas dois capítulos — “Das penas e gozos terrenos” e “Das penas e gozos futuros” —, mas aborda temas profundos: felicidade e infelicidade; temor da morte; suicídio; expiação e arrependimento; o paraíso, o inferno e o purgatório.

Compreende-se aqui o porquê do nosso sofrimento atual e o que poderá ser de cada um após o desencarne.

Eis uma espetacular avaliação dos Espíritos sobre o Bem e o Mal em nossos dias:

932. Por que, no mundo, muitas vezes a influência dos maus supera a dos bons?

“Por fraqueza destes. Os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, preponderarão.”

5 -- CONCLUSÃO

Faz o fechamento do livro com parágrafos iluminados.

Trata do antagonismo entre Espiritismo e materialismo, do progresso da Humanidade, da representatividade da Doutrina e do trabalho dos espíritas.

Também compara a Ciência Espírita com as ciências comuns (materialistas) e faz uma sucinta análise sobre os opositores, deixando uma afirmação coerente:

“O argumento supremo deve ser a razão. A moderação garantirá melhor a vitória da verdade do que as diatribes envenenadas pela inveja e pelo ciúme.”

(Penúltimo parágrafo)

6 – EXTENSÃO DO LIVRO

As demais obras básicas do Pentateuco kardequiano são como extensões de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, conforme demonstraremos a seguir:

O LIVRO DOS ESPÍRITOS	Temas	Extensão
Parte Primeira	Do princípio das coisas	A GÊNESE
Parte Segunda	Espíritos e as relações entre os planos espirituais e materiais através da mediunidade	O LIVRO DOS MÉDIUNS
Parte Terceira	Das leis morais	O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO
Parte Quarta	Das esperanças e consolações	O CÉU E O INFERNO

Importante salientar que todos os assuntos se entrelaçam, o que demonstra a solidez e coerência da Doutrina – tanto na parte prática e científica como na parte filosófico religiosa. Por exemplo, não há como falar das esperanças e consolações sem correlacionar os temas internos com as leis morais e sem observar o princípio das coisas.

PALAVRA ESPÍRITA

Sejam Perfeitos

“Amem os seus inimigos; façam o bem aos que lhes odeiam e orem pelos que perseguem e caluniam vocês. Porque, se somente amarem os que lhes amam, que recompensa terão disso? Os publicanos também não fazem assim? Se cumprimentarem unicamente os seus irmãos, que fazem com isso mais do que outros? Até os pagãos não fazem o mesmo? Mas vocês, sejam perfeitos, como perfeito é o Pai celestial”.

Jesus (Mateus, 5:44, 46-48)

Pois que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, esta proposição: “Sejam perfeitos, como perfeito é o Pai celestial”, tomada ao pé da letra, pressuporia a possibilidade de atingir-se a perfeição absoluta. Se fosse dado à criatura ser tão perfeita quanto o Criador, ela se tornaria igual a este, o que é inadmissível. Mas, os homens a quem Jesus falava não compreenderiam essa nuança, pelo que Ele se limitou a lhes apresentar um modelo e a dizer-lhes que se esforçassem pelo alcançar.

Portanto, aquelas palavras devemos entender no sentido da perfeição relativa, a de que a Humanidade é capaz e que mais a aproxima da Divindade.

Em que consiste essa perfeição? Jesus nos diz: “Em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem”. Ele Mostra desse modo que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla significação, porque implica a prática de todas as outras virtudes.

Com efeito, se observamos os resultados de todos os vícios e, mesmo dos simples defeitos, reconheceremos que não há nenhum que não altere mais ou menos o sentimento da caridade, porque todos têm seu princípio no egoísmo e no orgulho, que lhes são a negação; e isso porque tudo o que exalta o sentimento da personalidade destrói, ou, pelo menos, enfraquece os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. Não podendo o amor do próximo, levado até ao amor dos inimigos, aliar-se a nenhum defeito contrário à caridade, aquele amor é sempre, portanto, indício de maior ou menor superioridade moral, donde decorre que o grau da perfeição está na razão direta da sua extensão. Foi por isso que Jesus, depois de haver dado a seus discípulos as regras da caridade, no que tem de mais sublime, lhes disse: “Sejam perfeitos, como perfeito é o Pai celestial”.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XVII, Itens: 1 e 2)

O LIVRO DOS MÉDIUNS

ESTUDO DIRIGIDO SOBRE A OBRA

1 – SÍNTESE DA OBRA

Com o sucesso da publicação de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS” e a expansão da curiosidade sobre os fenômenos espíritas, o público requisitava instruções especializadas e seguras para a prática do espiritualismo moderno. Foi então que Allan Kardec lançou em janeiro de 1861, “O LIVRO DOS MÉDIUNS”.

O codificador já havia publicado um rascunho dele, chamado de “INSTRUÇÃO PRÁTICA”, cuja tiragem foi rapidamente esgotada. Não foi reeditado porque Kardec observou que seu conteúdo não estava completo. Foi então que veio esta obra definitiva, a qual carrega a epígrafe: “Guia dos Médiuns e dos Invocadores”.

Seu tema central é a **mediunidade** (causas, meios, efeitos e objetivos) e temas relacionados, tais como: Espíritos, mundo espiritual, médium e prática espírita. Além disso, traz um roteiro prático para os pretendentes e os iniciantes desenvolverem o intercâmbio com o plano espiritual.

2 – DISPOSIÇÃO DA OBRA

A obra é iniciada com uma pequena “Introdução”, que apresenta os temas a serem abordados no decorrer do livro.

O seu núcleo é dividido em duas partes principais: “Noções Preliminares” e “Das Manifestações Espíritas”. Nos capítulos finais, Kardec atenta para a organização dos centros espíritas; transcreve na íntegra o regulamento da **Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas** (entidade oficial por ele liderada) para servir como modelo; publica dissertações espíritas afins; e encerra com um pequeno vocabulário do jargão espírita.

2.a PRIMEIRA PARTE: Noções Preliminares

Começa abrindo ao leitor janelas de entendimento de assuntos relativos à mediunidade e sua prática. No primeiro capítulo, por exemplo, trata da questão primordial: “Há Espíritos?”

O segundo analisa a questão da interpretação comum dada às ações dos Espíritos, tidas normalmente como algo sobrenatural, irreal, milagroso e, para uns, diabólico; fora do normal (distinta da lei da Natureza). Sobre isso, Kardec pondera bem que, misterioso é o que não se conhece e a partir daí, qualquer um pode criar suposições diversas. Então o Espiritismo mostra bem aqui que as manifestações são pertencentes à lei natural, que é perfeita, e que obedecem às propriedades desta. O espanto que o Espiritismo causa aos leigos é o mesmo que as grandes descobertas da ciência comum causaram, tão logo vieram à tona.

Adiante, ensaia sobre o “método” e os “sistemas” dos fenômenos. Ao cabo das deduções observadas, traça as suas consequências gerais. Aqui estão:

1º Os fenômenos espíritas são produzidos por inteligências extracorpóreas, às quais também se dá o nome de Espíritos;

2º Os Espíritos constituem o mundo invisível; estão em toda parte; povoam infinitamente os espaços; temos muitos, de contínuo, em torno de nós, com os quais nos achamos em contato;

3º Os Espíritos reagem incessantemente sobre o mundo físico e sobre o mundo moral e são uma das potências da Natureza;

4º Os Espíritos não são seres à parte, dentro da criação, mas as almas dos que viveram na Terra, ou em outros mundos, e que despiram o invólucro corpóreo; donde se segue que as almas dos homens são Espíritos encarnados e que nós nos tornamos Espíritos ao morrermos;

5º Há Espíritos de todos os graus de bondade e de malícia, de saber e de ignorância;

6º Todos estão submetidos à lei do progresso e podem todos chegar à perfeição; mas, como têm livre-arbítrio, lá chegam em tempo mais ou menos longo, conforme seus esforços e vontade;

7º São felizes ou infelizes, de acordo com o bem ou o mal que praticaram durante a vida e com o grau de adiantamento que alcançaram. A felicidade perfeita e sem mistura é partilha unicamente dos Espíritos que atingiram o grau supremo da perfeição;

8º Todos os Espíritos, em dadas circunstâncias, podem manifestar-se aos homens; é indefinido o número dos que podem se comunicar;

9º Os Espíritos se comunicam por médiuns, que lhes servem de instrumentos e intérpretes;

10º Reconhecem-se a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos pela linguagem de que usam; os bons só aconselham o bem e só dizem coisas proveitosas; tudo neles atesta a sua elevação; os maus enganam e todas as suas palavras trazem o cunho da imperfeição e da ignorância. Os diferentes graus pelos quais os Espíritos passam se acham indicados na Escala Espírita (**O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, parte II, capítulo I, nº 100). O estudo dessa classificação é indispensável para se apreciar a qualidade dos Espíritos que se manifestam, assim como suas boas e más qualidades.

(Cap. IV, Item 49)

2.b SEGUNDA PARTE: Das Manifestações Espíritas

Partindo das “manifestações físicas” (como as mesas girantes) para as “inteligentes”, tal qual se deu o desabrochar da fenomenologia moderna, o livro analisa a “ação dos Espíritos sobre a matéria”. Teoriza os efeitos físicos (batidas, ruídos, transporte de objetos, aparições, materializações, etc.) e as mensagens (psicografia indireta e direta, etc.).

Do capítulo XIV em diante, conceitua o médium e suas características (médiuns de efeitos físicos, sensitivos, audientes, videntes, curadores, etc.),

Trata da disciplina do médium (voluntário ou involuntário), dos inconvenientes, perigos e responsabilidades da mediunidade (partindo do cap.XVII).

E como os detratores do Espiritismo costumam dizer que mediunidade e loucura caminham juntas, Kardec leva esta questão aos mentores amigos:

A faculdade mediúnica será indício de um estado patológico qualquer, ou de um estado simplesmente anormal?

“Às vezes, anormal, porém, não patológico; há médiuns de saúde robusta; os doentes o são por outras causas”.

(cap. XVIII, Item 221, 1ª questão)

Compara a influência pessoal do médium, mediante sua moral, com a atração que exerce sobre os Espíritos e sobre as mensagens obtidas (cap. XIX e XX). Veja essa questão:

Qual o médium que poderíamos qualificar como perfeito?

“Perfeito, ah! Sabem bem que a perfeição não existe na Terra, sem o que não estariam nela. Portanto, digam ‘bom médium’ e já é muito, por isso que eles são raros. Médium perfeito seria aquele contra o qual os maus Espíritos jamais ousassem uma tentativa de enganá-lo. O melhor é aquele que, simpatizando somente com os bons Espíritos, tem sido o menos enganado”.

(cap. XX, Item 226, 9ª questão)

Analisa a mediunidade nos animais no cap. XXII.

Dedica atenção especial à grave questão das obsessões, apontando as possíveis causas e os meios de se combatê-las (cap. XXIII). Assim ela é definida:

Entre os perigos que a prática do Espiritismo apresenta, devemos colocar na primeira linha a **obsessão**, isto é, o domínio que alguns Espíritos conseguem adquirir sobre certas pessoas. Só é praticada pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons Espíritos não infligem nenhum constrangimento; aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, se retiram. Os maus, ao contrário, se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas. Se chegam a dominar algum, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fosse uma verdadeira criança.

A obsessão apresenta características diversas, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra *obsessão* é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenômeno, cujas principais variedades são: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação.

(cap. XXIII, Item 237)

Sobre evocações, orienta sobre quais Espíritos devemos evocar, bem como a linguagem e a intenção empregada nas comunicações, e as perguntas que se pode fazer (cap. XXV e seguinte). Eis uma pergunta comum e a sua resposta concreta:

Sem ser médium, alguém pode evocar os Espíritos?

“Todo mundo pode evocar os Espíritos e, se aqueles a quem evocar não puderem manifestar-se materialmente, nem por isso deixarão de estar junto de ti e de te escutar”.

(cap. XXV, Item 282, 1ª questão)

Mas, sabendo da malícia de certas pessoas, Kardec também tocou no assunto charlatanismo e do embuste, capítulo XVIII:

Os que não admitem a realidade das manifestações físicas geralmente atribuem os efeitos produzidos à fraude. Fundam-se em que os enganadores hábeis fazem coisas que parecem prodígios, para quem não lhes conhece os segredos; donde concluem que os médiuns não passam de charlatões. Já refutamos este argumento, ou, antes, esta opinião, notadamente nos nossos artigos sobre o Sr. Home (famoso médium de então) e nos números da REVISTA ESPÍRITA de janeiro e fevereiro de 1858. Aqui, pois, não diremos mais do que algumas palavras, antes de falarmos de coisa mais séria. Há, em suma, uma consideração que não escapará a quem quer que reflita um pouco. Existem, sem dúvida, ilusionistas de prodigiosa habilidade, mas são raros. Se todos os médiuns praticassem a fraude, seria obrigado reconhecer que esta arte fez, em pouco tempo, inauditos progressos e se tornou de repente muito popular, apresentando-se inata em pessoas que dela nem suspeitavam e, até, em crianças.

(Cap. XXVIII, Item 314)

Importante destacar que esta obra derramou luz sobre um tema polêmico e, muitas vezes, tratado com ignorância e preconceito, iluminando médiuns e envolvidos. Louvável é o trabalho de educação mediúnica encontrado em casas e centros espíritas sérios, espalhados em todas as partes do mundo, sob o roteiro de O LIVRO DOS MÉDIUNS.

PALAVRA ESPÍRITA

Sobre os Médiuns

“Acontecerá nos últimos dias — é Deus quem fala — que derramarei do meu Espírito sobre todo ser vivo: os seus filhos e as suas filhas profetizarão. Os seus jovens terão visões, e os seus anciãos sonharão”.
(Atos dos Apóstolos, 2:17)

Todos os homens são médiuns, todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando sabem escutá-lo. Agora, que uns se comuniquem diretamente com ele, valendo-se de uma mediunidade especial, que outros não o escutem senão com o coração e com a inteligência, pouco importa: não deixa de ser um Espírito familiar quem os aconselha. Chamem a ele de Espírito, Razão, Inteligência, é sempre uma voz que responde à sua alma, pronunciando boas palavras. Apenas, nem sempre compreendem essas palavras.

Nem todos sabem agir de acordo com os conselhos da razão, não dessa razão que antes se arrasta e rasteja do que caminha, dessa razão que se perde no emaranhado dos interesses materiais e grosseiros, mas dessa razão que eleva o homem acima de si mesmo, que o transporta a regiões desconhecidas, chama sagrada que inspira o artista e o poeta, pensamento divino que eleva o filósofo, arrebatamento que extasia os indivíduos e povos, razão que o homem comum não pode compreender, porém que ergue o homem e o aproxima de Deus, mais que nenhuma outra criatura, entendimento que o conduz do conhecido ao desconhecido e lhe faz executar as coisas mais sublimes.

Escutem essa voz interior, esse bom gênio, que incessantemente lhes fala, e chegarão progressivamente a ouvir o seu anjo guardião, que do alto dos céus lhes estende as mãos. Repito: a voz íntima que fala ao coração é a dos bons Espíritos e é deste ponto de vista que todos os homens são médiuns.

Channing (Espírito)

(O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec – Cap. XXXI, Dissertação X)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

ESTUDO DIRIGIDO SOBRE A OBRA

1 – SÍNTESE DA OBRA

Se “O LIVRO DOS MÉDIUNS” é a dilatação do estudo da relação prática dos Espíritos com o nosso mundo, a terceira obra da codificação é o estudo filosófico-religioso da Doutrina Espírita, tendo como base os ensinamentos de Jesus Cristo tirados dos evangelhos bíblicos. É a interpretação da parte moral da Terceira Revelação.

Foi lançado em abril de 1864, com o título “IMITAÇÃO DO EVANGELHO” e recebeu o nome definitivo – “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO” – a partir da terceira edição.

É um livro belíssimo, de cujo conteúdo confortador, iluminador, e encorajador. Numa palavra, é o guia de conduta moral do Espiritismo.

2 – CONTEÚDO DA OBRA

Inicia com um “Prefácio” maravilhoso, assinado pelo Espírito “Verdade” (ver “Palavra Espírita” da 2ª lição deste caderno).

Na “Introdução”, Allan Kardec faz uma rápida amostragem do livro e seus objetivos; da autoridade da Doutrina Espírita; faz uma análise do contexto histórico da base evangélica; e mostra o paralelo entre as filosofias de Sócrates-Platão e o Cristianismo.

O núcleo é composto de capítulos pelos quais são distribuídos os temas. Basicamente, os assuntos são interpretados mediante citações interligadas extraídas dos evangelhos bíblicos, sobre as quais o codificador reuniu as “Instruções dos Espíritos”.

No final, (capítulo XXVIII) traz uma coletânea de preces espíritas para as mais diversas ocasiões. Entanto, essas preces não são receitas formais ou fórmulas cerimoniais, como é de praxe no religiosismo comum. Eis a definição de Kardec:

Os Espíritos têm dito sempre: *“A forma não vale nada, o pensamento é tudo. Então, cada um ore segundo suas convicções e da maneira que mais o toque. Um bom pensamento vale mais do que grande número de palavras com as quais nada tenha o coração”*.

(...)

Assim, não temos que considerar esta coletânea como um formulário absoluto e único, mas, apenas, uma variedade no conjunto das instruções que os Espíritos ministram. É uma aplicação dos princípios da moral evangélica desenvolvidos neste livro, um complemento aos ditados deles, relativos aos deveres para com Deus e o próximo, complemento em que são lembrados todos os princípios da Doutrina.

(Cap. XXVIII, Item 1)

3 – CRISTIANISMO REDIVIVO

Esta obra retrata a filosofia do Cristianismo Redivivo do Espiritismo, pois busca a verdadeira essência da mensagem de Jesus, que tem sido tão deturpada pelo proselitismo.

Entre os temas abordados, destacamos alguns:

O primeiro capítulo trata das três Revelações Divinas à humanidade, que se deram através de Moises, de Jesus e do Espiritismo. Trata também da relação entre ciência e religião.

Eis um trecho dele:

“Um dia, Deus, em sua inesgotável caridade, permitiu que o homem visse a verdade varar as trevas. Esse dia foi o da chegada do Cristo. Depois da luz viva, as trevas voltaram. Após alternativas de verdade e obscuridade, o mundo novamente se perdia. Então, semelhantemente aos profetas do Antigo Testamento, os Espíritos se puseram a falar e a lhes advertir. O mundo está abalado em seus fundamentos; o trovão reboará. Sejam firmes!

“O Espiritismo é de ordem divina, pois que se sustenta nas próprias leis da Natureza, e estejam certos de que tudo o que é de ordem divina tem objetivo grande e útil. O seu mundo se perdia; a Ciência – desenvolvida à custa do que é de ordem moral, mas conduzindo-vos ao bem-estar material – redundava em proveito do espírito das trevas. Como sabem, cristãos, o coração e o amor têm de caminhar unidos à Ciência. Ah! Passados que são dezoito séculos e apesar do sangue de tantos mártires, o reino do Cristo ainda não veio. Cristãos, voltem para o Mestre, que lhes quer salvar. Tudo é fácil para aquele que crê e ama; o amor o enche de inefável alegria. Sim, meus filhos, o mundo está abalado; os bons Espíritos lhes vêm dizer fartamente; dobrem-se à rajada que anuncia a tempestade, a fim de não serem derrubados, isto é, preparem-se e não imitem as virgens loucas, que foram apanhadas desprevenidas à chegada do esposo”.

Erasto, discípulo de S. Paulo
(Capítulo I, Item 10)

No capítulo seguinte encontramos a interpretação espírita-cristã para a vida futura e a realeza de Cristo.

A pluralidade das existências e dos diversos mundos é comentada no capítulo III.

O capítulo IV abrange temas ligados à reencarnação, como ressurreição, laços de família e a necessidade das experiências carnis.

A partir do quinto capítulo, os contextos giram em torno das “Bem-aventuranças” declaradas por Jesus no Sermão da Montanha. Daí são tiradas lições extraordinárias como as do capítulo X – “Bem-aventurados os que são misericordiosos” –, sobre perdão, reconciliação com os adversários, sacrifícios, crítica e julgamento alheio e indulgência.

O mandamento de Jesus – “Amar ao próximo como a si mesmo” – recebeu uma atenção especial (capítulo XI).

O capítulo XV, cujo título é “Fora da Caridade não há Salvação”, descreve o que é preciso para o Espírito “ser salvo”.

“A Fé que transporta montanhas” é o tema central do capítulo XIX. Eis a interpretação de um mentor espiritual:

“Para ser proveitosa, a fé tem de ser ativa; não deve se enfraquecer. Sendo a mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus, ela deve velar atentamente pelo desenvolvimento dos filhos que gerou.

“A esperança e a caridade são provas da fé e formam com esta uma trindade inseparável. Não é a fé que estabelece a esperança na realização das promessas do Senhor? Se não tiverem fé, que esperarão? Não é a fé que dá o amor? Se não têm fé, qual será o seu reconhecimento e, portanto, o seu amor? (...)”.

José, Espírito Protetor
(Capítulo XIX, Item 11)

Para explanar bem o valor e a eficácia da prece, o capítulo “Peçam e obterão” (XXVII) se valeu de citações como essa:

“Quando orarem, não se assemelhem aos hipócritas, que, de propósito, oram de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas para serem vistos pelos homens. Na verdade, digo a vocês que eles já receberam a recompensa. Quando quiserem orar, entrem para o quarto e com a porta fechada, orem ao Pai em secreto; e o Pai, que vê o que se passa em secreto, lhes dará a recompensa.

“Não cuidem de pedir muito nas suas preces, como fazem os pagãos, os quais imaginam que pela multiplicidade das palavras é que serão atendidos. Não se tornem semelhantes a eles, porque o Pai sabe do que é que vocês têm necessidade, antes que lhe peçam”.

Jesus (Mateus, 6:5:8)

Eis um trecho da interpretação:

Pela prece, o homem obtém o auxílio dos bons Espíritos que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a lhes inspirar ideias sãs. Desse modo, ele adquire a força moral necessária para vencer as dificuldades e a voltar ao caminho reto, se deste se afastou. Por esse meio, pode também desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas. Um homem, por exemplo, vê arruinada a sua saúde em consequência de excessos a que se entregou, e arrasta até o fim de seus dias uma vida de sofrimento: terá ele o direito de se queixar se não obtiver a cura que deseja? Não, pois que poderia ter encontrado na prece a força para resistir às tentações.

(Capítulo XXVII, Item 11)

4 – OBRA ESPÍRITA X BÍBLIA

Os antipáticos ao Espiritismo costumam rechaçar a terceira obra básica da codificação alegando que assim, os espíritas querem anular a Bíblia.

Na verdade, “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO” não compete com os Evangelhos bíblicos, nem os anula e tampouco se propõe a diminuir ou aumentar aquela que é a segunda revelação da lei de Deus – os ensinamentos do Cristo – que foi justamente a base desse novo trabalho.

Essa obra kardequiana é uma reinterpretação dos evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João), apoiando-se agora nos recursos modernos para a pesquisa linguística, histórica e sociogeográfica de que Allan Kardec pôde se utilizar, inclusive, com a participação dos mentores espirituais para extraírem a essência do que Jesus nos trouxe, buscando a racionalidade e a isenção de quaisquer dogmatismos e religiosismo.

E como tudo vem no tempo devido, essa mensagem veio pelo Espiritismo, no momento em que a Humanidade se achava preparada para recebê-la, coisa que no tempo de Jesus ainda não era possível, diante das limitações daquela geração, conforme o próprio Messias anunciou:

“Muitas coisas ainda tenho a lhes dizer, mas vocês não podem suportar agora. Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, lhes ensinará toda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá o que ouvir, e lhes anunciará as coisas que virão.”

Jesus (João, 16:12-13)

PALAVRA ESPÍRITA

O Evangelho no Lar

*“Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome,
eu estarei no meio deles”.*

Jesus (Mateus, 18:22)

Como se sabe, no Espiritismo não há cultos formais, nem cerimoniais, nem sacramentos, nem quaisquer sinais externos. O contato com a espiritualidade é feito na intimidade de cada através da oração e da prece.

“O Evangelho no Lar” é um roteiro comum sugerido à prática espírita, em que o objetivo principal é criar um momento regular (no mínimo, semanal) para oração, aprendizado e harmonização domiciliar.

PREPARAÇÃO:

- Estabelecer o dia e o horário (pelo menos uma vez na semana) e procurar observar essa regularidade (a pontualidade, sem nenhum pesar, demonstra seriedade e também permite que os Espíritos afins da família se programem para assistirem ao roteiro);
- Duração aproximada entre 30 minutos e 1 hora;
- Se possível, reservar também um lugar na casa apropriado para o recolhimento, sem nenhum apego simbólico, nem de velas, nem imagens, nem altares, etc.;
- Colocar um vasilhame com água potável para ser fluidificada e ingerida logo após o roteiro ou no transcorrer da semana. No caso de haver um enfermo entre os membros do lar, reservar um vasilhame exclusivo destinado a este;
- Convidar todos da casa, mas nunca impor a participação (a presença de desinteressados é mais prejudicial do que benéfica). A recusa de alguém é motivo de oração carinhosa no momento das vibrações, bem como para os ausentes;
- Se apenas uma pessoa da casa deseja realizar o roteiro, que seja! – ninguém estará sozinho jamais na oração. Que comunique ao restante dos membros e deixar em aberto que os demais possam participar quando bem desejarem.
- Crianças que ainda não alcançaram maturidade suficiente para compreender o roteiro podem atrapalhar. No entanto, pode-se programar outra edição, em outro momento, para a participação delas;
- Havendo hóspede na casa, deve-se convidá-lo a participar, também sem compromisso;
- Uma vez recolhida toda a família e iniciado o roteiro, preservar-se de atender chamadas telefônicas. No caso de importunidade (como visitas inesperadas), procurar resguardar o momento de oração, mas sem ser indelicado, claro. Contudo, nunca parar o roteiro;
- Estando em viagem coletiva, realizar o roteiro, observando as características do lugar;
- Harmonização musical é indicada para abrir e fechar o roteiro. Pode-se tocar (com instrumentos), cantar ou mesmo reproduzir músicas apropriadas (harmoniosas e inspiradoras);
- Quando houver mais de um participante, fazer um rodízio na distribuição do roteiro (preces e leituras);
- Usar linguagem simples, concisa e objetiva, visando o sentimento – não as palavras.

ROTEIRO:

- **Abertura:** prece inicial, por exemplo, agradecendo a oportunidade do encontro e pedindo iluminação para o melhor aproveitamento do Evangelho a ser lido;
- **Evangelho:** leitura de um pequeno trecho de “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”. A escolha da leitura pode ser feita previamente ou no momento (abrindo uma página sortida). Porém, nunca supor que o texto sorteado é dirigido exclusivamente para um determinado membro (participante ou não), o que seria um ato supersticioso, pois todo o conteúdo evangélico é útil para todos e em qualquer tempo e lugar. Uma opção razoável é ler seguidamente o livro (do começo ao final, trechos subsequentes a cada encontro);
- **Comentários:** cada um reflete e expõe o que interpretou do texto evangélico. Evitar conflito de opiniões, procurando o consenso comum da mensagem;
- **Vibração e irradiação;** momento de orar pela harmonia do lar, dos familiares e entorno, gerando boas vibrações e, com fé e alegria, irradiar essas energias uns para os outros presentes, e, possivelmente, para parentes, vizinhos e amigos.
- **Encerramento:** prece final, por exemplo, com agradecimento pelo encontro realizado, pedindo a graça de que se repita na semana seguinte.

Família que ora unida, permanece unida. O roteiro de “O Evangelho no Lar” tem reformulado muitos lares, transformando para melhor a vida de muitas pessoas. Os bons espíritos participam dos roteiros e afastam Espíritos malfazejos, imunizando o ambiente.

Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?

“Praticando o bem e pondo toda a confiança em Deus, vocês repelirão a influência dos Espíritos inferiores e aniquilarão o império que desejem ter sobre vocês. Guardem-se de atender às sugestões dos Espíritos que lhes inspiram maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vocês e que lhes insuflam as paixões más. Desconfiem especialmente dos que lhes exaltam o orgulho, pois que esses lhes assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, lhes ensinou a dizer: ‘Senhor! Não nos deixe cair em tentação, mas livra-nos do mal’.”

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 469)

O CÉU E O INFERNO

ESTUDO DIRIGIDO SOBRE A OBRA

1 – SÍNTESE DA OBRA

“O CÉU E O INFERNO”, ou “A Justiça Divina Segundo o Espiritismo” chegou ao público em 1865, trazendo luz sobre questões vitais de espiritualidade. Assim se apresenta a obra:

“Exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual sobre as penalidades e recompensas futuras, sobre os anjos e demônios, sobre as penas eternas, etc., seguido de numerosos exemplos acerca da situação real da alma durante e depois da morte.”

(Folha de rosto)

Divide-se inicialmente em duas partes. A primeira, intitulada “Doutrina”, ensaia diretamente sobre os temas propostos. A segunda parte trata sobre o passamento e uma série de narrações de Espíritos, narrando a passagem da vida carnal para o mundo espiritual e o estado em que se encontravam na ocasião em que se manifestaram.

2 – PRIMEIRA PARTE: A Doutrina

Diante de tantas controvérsias sobre o que será da alma humana além-túmulo, esta obra apresenta a versão espírita, inicialmente avaliando a teoria do nada (dos materialistas). Eis um trecho que ilustra bem por que o alvo primordial do Espiritismo é a incredulidade:

Suponhamos que, por uma circunstância qualquer, todo um povo adquira a certeza de que em oito dias, num mês, ou num ano, será aniquilado; que não sobreviverá nenhum indivíduo, como de sua existência não sobreviverá nem um só traço:

Que fará esse povo condenado, enquanto aguarda o extermínio?

Trabalhará pela causa do seu progresso, da sua instrução? Irão se entregar ao trabalho para viver? Respeitará os direitos, os bens, a vida do seu semelhante? Vão se submeter a qualquer lei ou autoridade, por mais legítima que seja – mesmo a lei do Pai? Nessa emergência, haverá para ele qualquer dever?

Certo que não. Pois bem! O que não acontece coletivamente, a doutrina do niilismo realiza todos os dias isoladamente, individualmente. E se as consequências não são desastrosas tanto quanto poderiam ser, é porque em primeiro lugar na maioria dos incrédulos há mais orgulho do que verdadeira incredulidade, mais dúvida do que convicção — porque eles possuem mais medo do nada do que pretendem aparentar — o qualificativo de espíritos fortes exalta a vaidade deles e o amor-próprio; em segundo lugar porque os descrentes absolutos se contam por pequena minoria, e sentem a seu pesar as influências da opinião contrária, mantidos por uma força material.

(Primeira Parte – Capítulo I, Item 3)

O capítulo II analisa o temor da morte. Abaixo, a resposta para “por que o espírita não teme a morte?”:

A Doutrina Espírita transforma completamente a perspectiva do futuro. A vida futura deixa de ser uma hipótese para ser realidade. O estado das almas depois da morte não é mais uma teoria, mas sim o resultado da observação. Ergueu-se o véu; o mundo espiritual aparece para nós na plenitude de sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever a sua situação; aí os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da desgraça, assistindo, enfim, a todas as peripécias da vida de além-túmulo. Eis aí por que os espíritas encaram a morte calmamente e se revestem de serenidade nos seus últimos momentos sobre a Terra. Já não é só a esperança, mas a certeza que os conforta; sabem que a vida futura é a continuação da vida terrena em melhores condições e aguardam-na com a mesma confiança com que aguardariam o despontar do Sol após uma noite de tempestade. Os motivos dessa confiança decorrem igualmente dos fatos testemunhados e da concordância desses fatos com a lógica, com a justiça e bondade de Deus, correspondendo às íntimas aspirações da Humanidade.

(Primeira Parte – Cap. II, Item 10)

Em seguida, detalha o que pode ser o “céu” (cap. III), o “inferno” (cap. IV) e o “purgatório” (cap. V).

A “doutrina das penas eternas”, versão defendida principalmente pelos católicos e pelos protestantes, é abordada no capítulo VI.

De forma que seja bem esclarecido, o capítulo VII apresenta as penas futuras segundo o Espiritismo.

(...) o código penal da vida futura pode ser resumido nestes três princípios:

- a) O sofrimento é de acordo com a imperfeição.
- b) Toda imperfeição – assim como toda falta gerada dela – traz consigo o próprio castigo nas consequências naturais e inevitáveis: assim, a moléstia pune os excessos e da ociosidade nasce o tédio, sem que seja preciso uma condenação especial para cada falta ou indivíduo.
- c) Como todo homem pode se libertar das imperfeições por efeito da vontade, pode igualmente anular os males consecutivos e assegurar a futura felicidade. A cada um segundo as suas obras, no Céu como na Terra: tal é a lei da Justiça Divina.

(Primeira Parte – Cap. VII, “Código Penal da Vida Futura”)

Nos capítulos seguintes, o livro comenta sobre “os anjos” e “os demônios”.

Que haja seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos, não restam dúvidas. A revelação espírita neste ponto confirma a crença de todos os povos, fazendo-nos conhecer ao mesmo tempo a origem e natureza de tais seres.

(Primeira Parte – Cap. VIII, Item 12)

O derradeiro capítulo desta primeira parte trata “da proibição de evocar os mortos”, contida no livro de Deuteronômio (Bíblia), que é uma das críticas mais triviais que os antipáticos à Doutrina Espírita costumam usar contra ela. Leia um trecho acerca desse tema:

Todas as razões alegadas para condenar as relações com os Espíritos não resistem a um exame sério. Pelo ardor com que se combate nesse sentido é fácil deduzir o grande interesse ligado ao assunto. Daí a insistência. Vendo esta cruzada de todos os cultos contra as manifestações, aconteceria que delas se atemorizam.

O verdadeiro motivo poderia bem ser o receio de que os Espíritos muito esclarecidos viessem instruir os homens sobre pontos que se pretende obscurecer, dando-lhes conhecimento, ao mesmo tempo, da certeza de outro mundo, além das verdadeiras condições para nele serem felizes ou desgraçados. A razão deve ser a mesma por que se

diz à criança: — “Não vá lá, que há lobisomens.” Ao homem dizem: — “Não chamem os Espíritos: são o diabo”. Porém não importa: impedem os homens de evocar os Espíritos, mas não poderão impedi-los de vir aos homens para levantar a lâmpada debaixo do alqueire. O culto que estiver com a verdade absoluta nada terá que temer a luz, pois a luz faz brilhar a verdade e o demônio nada pode contra esta.

(Primeira Parte – Capítulo XI, Item 14)

3 – SEGUNDA PARTE: Exemplos

Nessa seção, o leitor terá uma ideia clara de como pode ser a passagem da vida material à vida espiritual, tomando como exemplos as narrações de Espíritos que se manifestaram e ilustraram também a situação em que se encontravam.

O primeiro capítulo traz um ensaio sobre “o passamento”. Aqui vai um fragmento:

A causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento é o estado moral da alma. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego à matéria, que atinge o seu máximo no homem cujas preocupações dizem respeito exclusiva e unicamente à vida e gozos materiais. Ao contrário, nas almas puras – que antecipadamente se identificam com a vida espiritual –, o apego é quase nulo. E desde que a lentidão e a dificuldade do desprendimento estão na razão do grau de pureza e desmaterialização da alma, de nós somente depende tornar esse desprendimento mais fácil ou penoso, agradável ou doloroso.

Posto isto, quer como teoria, quer como resultado de observações, resta-nos examinar a influência do gênero de morte sobre as sensações da alma nos últimos tranSES.

(Segunda Parte – Cap. I, Item 8)

Os capítulos seguintes transcrevem as mensagens, separando-as de acordo com a posição dos Espíritos: felizes, em condições medianas, sofredores, suicidas, criminosos arrependidos, endurecidos e de expiações terrestres.

Assim descreve uma entidade em felicidade:

“A morte desse homem – de quem vocês se ocupam neste momento, foi a de um justo, isto é, uma morte esperançosa e calma. Como o dia sucede naturalmente à aurora, a vida espiritual se sucedeu à sua vida terrestre, sem rompimento nem abalo. O seu último suspiro foi tanto como um hino de reconhecimento e amor. E como são poucos os que atravessam assim a rude transição! Quão poucos os que após a confusão e desespero da vida concebem o ritmo harmonioso das esferas! Como o homem de saúde perfeita, que teve seu corpo mutilado, sofre nos membros separados ao corpo, assim, a alma do descrente, separada do corpo, se despedaça e, atormentada, se precipita no Espaço, inconsciente de si mesma. (...)”

Georges

(Segunda Parte – Cap. II, “A Morte do Justo”)

Em contrapartida, eis o relato de um suicida:

“Terão piedade de um pobre miserável que há muito tempo passa por cruéis torturas?! Oh! O vazio..., o Espaço..., despenho-me... caio... morro... Acudam-me! Deus, eu tive uma existência tão miserável... Pobre diabo, sofri fome muitas vezes na velhice; e foi por isso que me habituei a beber, a ter vergonha e desgosto de tudo.

Quis morrer, e atirei-me... Oh! Meu Deus! Que momento! E para que tal desejo, quando o fim estava tão próximo? Orem, para que eu não veja incessantemente este vácuo debaixo de mim... Vou despedaçar-me de encontro a essas pedras! Eu suplico a vocês, que conheceis as misérias dos que não mais pertencem a esse mundo. Não me conhecem, mas eu sofro tanto... Para que mais provas? Sofro! Não será isso o bastante? Se eu tive fome, em vez deste sofrimento mais terrível e, aliás, imperceptível para vocês,

não vacilariam em me aliviar com uma migalha de pão. Pois eu lhes peço que orem por mim... Não posso permanecer por mais tempo neste estado... Perguntem a qualquer desses felizes que aqui estão e saberão quem fui. Orem por mim”.

François Simon Louvet

(Segunda Parte – Cap. V, “François Simon Louvet”)

Assim narrou o Espírito que fora um criminoso arrependido:

“Grato pelas suas preces. Experimento já uma sensível melhora. Foi tal o fervor com que orei, que Deus me concedeu um momentâneo alívio; não obstante, terei de ver ainda as minhas vítimas... Aqui estão elas! Percebem este sangue?...”

“Perdoem por eu ter me apossado de vocês. Obrigado pelo alívio que proporcionam aos meus sofrimentos. Perdoem o mal que lhes causei, mas eu tenho necessidade de me comunicar, e só vocês o podem...”

“Obrigado! Obrigado! Que já sinto algum alívio, posto não tenha atingido o fim das provações. As minhas vítimas voltarão dentro em breve. Eis a punição a que fiz jus, mas, Deus meu, seja indulgente! Orem todos vocês por mim, tenham piedade!”.

Latour

(Segunda Parte – Cap. VI, “Jacques Latour”)

4 – CONCLUSÃO DA TESE

A versão espírita sobre a vida futura é clara: não há penas ou recompensas eternas mediante um julgamento final único tão logo venha a morte, como pregam certas religiões. O que a alma espera depois do desencarne é a continuação da existência atual – embora seja em outro mundo, como se fora a transferência para outro país – numa situação relativa ao que se fez na sua recente passagem, pois o Espírito precisa evoluir e assim passar por novas experiências carnis, depurando as faltas e promovendo a evolução própria e do meio em que está inserido, até que alcance a perfeição que lhe é destinada.

É inconcebível crer que Deus condenaria um filho ao inferno para sempre. A Justiça Divina assegura a lei de causa e efeito, em que cada um colhe o que planta, mas nunca fecha a porta para os compungidos. Cumpre-nos executar nossa reforma íntima, procurando nossa progressão intelectual e moral.

A leitura dessa obra ilumina nossa mente e consola nosso coração, para melhor vivermos e melhor nos prepararmos para o porvir.

PALAVRA ESPÍRITA

A felicidade não é deste mundo

“E, mesmo que alguém vivesse duas vezes mil anos sem provar a felicidade, não vão todos para o mesmo lugar?”

(Eclesiastes, 6:6)

“Não sou feliz! A felicidade não foi feita para mim!” – exclama geralmente o homem em todas as posições sociais. Isso, meus caros filhos, prova melhor do que todos os raciocínios possíveis, a verdade desta máxima do Eclesiastes: “A felicidade não é deste mundo.” Com efeito, nem a riqueza, nem o poder, nem mesmo a florida juventude são condições essenciais à felicidade. Digo mais: nem mesmo reunidas essas três condições tão desejadas, pois incessantemente se ouvem, no seio das classes mais privilegiadas, pessoas de todas as idades se queixarem amargamente da situação em que se encontram.

Diante de tal fato, é inconcebível que as classes operárias e humildes invejem com tanta ânsia a posição das que parecem favorecidas da fortuna. Neste mundo, por mais que faça, cada um tem a sua parte de trabalho e de miséria, sua cota de sofrimentos e de decepções, donde facilmente se chega à conclusão de que a Terra é lugar de provas e de expiações.

Assim sendo, os que pregam que ela é a única morada do homem e que somente numa só existência é que lhe cabe alcançar o mais alto grau das felicidades que a sua natureza permite, iludem-se e enganam os que os escutam, visto que está demonstrado – por experiência de séculos e séculos – que só raramente este planeta apresenta as condições necessárias à completa felicidade do indivíduo.

Em tese geral, podemos afirmar que a felicidade é uma utopia a cuja conquista as gerações se lançam sucessivamente, sem jamais conseguirem alcançá-la. Se o homem ajuizado é uma raridade neste mundo, o homem absolutamente feliz jamais foi encontrado. No que consiste a felicidade na Terra é coisa tão passageira para aquele que não se guia pela prudência, que, por um ano, um mês, uma semana de satisfação completa, todo o resto da existência é uma série de amarguras e decepções. E notem, meus caros filhos, que falo dos venturosos da Terra, dos que são invejados pela multidão.

Dessa forma, se as provas e a expiação são peculiares à morada terrena, devemos admitir que em qualquer lugar há moradas mais favorecidas, onde o Espírito – embora aprisionado ainda numa carne material – possui em toda a plenitude os gozos relativos à vida humana. Tal a razão por que Deus semeou esses belos planetas superiores para os quais os seus esforços e as suas tendências lhes farão gravitar um dia, quando se acharem suficientemente purificados e aperfeiçoados.

Todavia, não deduzam das minhas palavras que a Terra esteja destinada para sempre a ser uma penitenciária. Não, certamente! Dos progressos já realizados, podem facilmente deduzir os progressos futuros e, dos melhoramentos sociais conseguidos, novos e mais produtivos melhoramentos. Essa é a tarefa imensa cuja execução cabe à nova doutrina que os Espíritos lhes revelaram.

Assim, meus queridos filhos, que um bendito empenho os anime e que cada um de vocês se desprenda do homem velho. Todos devem se consagrar à propagação desse Espiritismo que já deu começo à sua própria regeneração. Cabe a vocês o dever de fazer que os seus irmãos participem dos raios da sagrada luz. Portanto, mãos à obra, meus muito queridos filhos! Que nesta reunião solene todos os corações aspirem a esse grandioso objetivo de preparar para as gerações vindouras um mundo onde já não seja vã a palavra felicidade.

François Nicolas Madeleine

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. V, Item 20)

A GÊNESE

ESTUDO DIRIGIDO SOBRE A OBRA

1 – SÍNTESE DA OBRA

O último livro do Pentateuco Kardecista, “A GÊNESE”, veio a público em 6 de janeiro de 1868, carregando o subtítulo “Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo”. A folha de rosto diz o seguinte:

“A Doutrina Espírita é resultado do ensino coletivo e concordante dos Espíritos. A Ciência é chamada a constituir a Gênese de acordo com as leis da Natureza. Deus prova a Sua grandeza e Seu poder pela imutabilidade das Suas leis e não pela anulação delas. Para Deus, o passado e o futuro são o presente.”

Seu conteúdo detalha e conclui a versão espírita a respeito de temas acerca da Providência Divina, a Criação, a Natureza e efeitos dela em nosso meio (cuja interpretação variada os colocam como milagres e fenômenos).

É, essencialmente, um ensaio sobre a Ciência Espírita.

2 – DISPOSIÇÃO DA OBRA

Uma pequena introdução nos antecipa a riqueza deste livro. Eis o primeiro parágrafo:

Esta nova obra é mais um passo dado ao terreno das consequências e das aplicações do Espiritismo. Conforme seu título o indica, ela tem por objetivo o estudo dos três pontos até agora diversamente interpretados e comentados: a Gênese, os milagres e as predições, em suas relações com as novas leis que decorrem da observação dos fenômenos espíritas.

(Introdução)

Em seguida, o compêndio é separado por três partes principais: “A Gênese”, “Os Milagres” e “As Predições”. Conheçamos melhor cada divisão:

2.a – A GÊNESE

Começa dissertando sobre o “caráter da Revelação Espírita” (cap. I) e se desenvolve avaliando “Deus” (cap. II) e temas inerentes a Ele. Agora, quanto à possibilidade do homem conceituar a Divindade, o trecho abaixo declara:

Não é permitido ao homem sondar a natureza íntima de Deus. Para compreendê-lo, ainda nos falta o sentido próprio, que só se adquire por meio da completa depuração do Espírito. Mas, se não pode penetrar na essência de Deus, desde que aceite Sua existência como uma verdade, o homem pode chegar a conhecer Seus atributos necessários pelo

raciocínio, pois, vendo o que Ele absolutamente não pode ser, sem deixar de ser Deus, deduz daí o que Ele deve ser.

(Cap. II, Item 8)

Pondera sobre a constituição do “Bem” e do “Mal” no capítulo III:

Podemos dizer que o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor. Assim como o frio não é um fluido especial, também o mal não é atributo distinto; um é o negativo do outro. Onde não existe o bem, forçosamente existe o mal. Não praticar o mal já é um princípio do bem. Deus somente quer o bem; o mal só procede do homem. Se na criação houvesse um ser propenso ao mal, ninguém o poderia evitar; mas, como o homem tem a causa do mal em **si mesmo**, tendo simultaneamente o livre-arbítrio e por guia as leis divinas, ele evitará o mal sempre que o queira.

(Cap. III, Item 8)

Subsequentemente, observa o “Papel da Ciência na Gênese”, os “sistemas do mundo” e faz uma descrição aprofundada da composição física da criação em “Uranografia geral” (cap. VI). O leitor pode absorver detalhes surpreendentes sobre coisas como: o espaço e o tempo, a matéria, os astros, a vida universal e a diversidade dos mundos.

Sobre a harmonia e perfeição dos elementos da criação, assim diz o livro:

A Natureza jamais se encontra em oposição a si mesma. Uma só é a divisa do brasão do Universo: unidade-variedade. Remontando à escala dos mundos, encontra-se unidade de harmonia e de criação, ao mesmo tempo em que uma variedade infinita no imenso jardim de estrelas. Percorrendo os degraus da vida, desde o último dos seres até Deus, fica evidente a grande lei de continuidade. Considerando as forças em si mesmas, pode-se formar com elas uma série, cuja resultante, confundindo-se com a geratriz, é a lei universal.

(Cap. VI, Item 11)

Traz, no capítulo VII, um “esboço geológico da Terra” e os períodos evolutivos dos primórdios do nosso planeta.

Compara as “teorias sobre a formação da Terra” (cap. VIII): da projeção, da condensação e da incrustação e sopesa a “alma da Terra”.

A “Gênese orgânica”, do capítulo X, faz uma amostra teórica da formação dos seres vivos, do Princípio Vital e do homem corpóreo. Como foi o início da vida na Terra?

Houve tempo em que não existiam animais; logo, eles tiveram começo. Cada espécie foi aparecendo, à proporção que o globo adquiria as condições necessárias à existência delas. Isto é concreto. Como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreende-se que, existindo um primeiro casal, os indivíduos se multiplicaram. Mas, esse primeiro casal, donde saiu? É um desses mistérios que entendem com o princípio das coisas e sobre os quais apenas se podem formular hipóteses. A Ciência ainda não pode resolver o problema; entretanto, pelo menos, pode encaminhá-lo para a solução.

(Cap. X, Item 1)

O capítulo seguinte fala da “Gênese espiritual”, abordando assuntos como: princípio espiritual, união Espírito-matéria, reencarnação, emigrações e imigrações e apresenta a visão espírita sobre a Raça Adâmica (conceito e origem). Eis uma parte conclusiva da codificação:

Eram necessários os conhecimentos que o Espiritismo ministrou acerca das relações do princípio espiritual com o princípio material, acerca da natureza da alma, da sua criação em estado de simplicidade e de ignorância, da sua união com o corpo, da sua indefinida marcha progressiva através de sucessivas existências e através dos mundos, que são outros tantos degraus da senda do aperfeiçoamento, acerca da sua gradual libertação da influência da matéria, mediante o uso do livre-arbítrio, da causa dos seus

pendores bons ou maus e de suas aptidões, do fenômeno do nascimento e da morte, da situação do Espírito na erraticidade e, finalmente, do futuro como prêmio de seus esforços por se melhorar e da sua perseverança no bem, para que se fizesse luz sobre todas as partes da Gênese espiritual.

Graças a essa luz, de agora em diante o homem sabe donde vem, para onde vai, por que está na Terra e por que sofre. Sabe que tem nas mãos o seu futuro e que a duração do seu cativeiro neste mundo depende unicamente dele. Despida da alegoria acanhada e mesquinha, a Gênese se lhe apresenta grande e digna da majestade, da bondade e da justiça do Criador. Considerada desse ponto de vista, ela confundirá a descrença e triunfará.

(Cap. XII, Item 26)

Por fim, interpreta a versão mosaica (da Bíblia) da Origem do mundo e dos seres vivos.

2.b – OS MILAGRES

A segunda parte da obra nos elucida sobre os efeitos ditos “milagrosos”, ou “sobrenaturais”, com a conclusão de que “não há milagres” (Cap. XIII), mas o processo natural da lei que rege o Universo através dos “fluidos” (Cap. XIV).

Então, por sua vez, o Espiritismo vem fazer o que cada ciência fez no seu começo: revelar novas leis e, por consequência disso, explicar os fenômenos compreendidos na alçada dessas leis.

(Cap. XIII, Item 4)

O capítulo XV teoriza “os milagres do Evangelho”, como: a estrela dos magos do Natal, a pesca milagrosa, a ressurreição de Lázaro, a multiplicação dos pães, a Transfiguração de Cristo e aparições de Jesus pós-crucificação.

2.c – AS PREDIÇÕES

A parte final versa sobre as profecias evangélicas (cap. XVII) e os “sinais dos tempos” (o Juízo Final), no capítulo final. Assim se expressa uma entidade sobre o tema local:

“Quando se diz a vocês que a Humanidade chegou a um período de transformação e que a Terra tem que se elevar na hierarquia dos mundos, não vejam nada de místico nessas palavras; ao contrário, vejam a execução de uma das grandes leis fatais do Universo, contra as quais toda a má vontade humana se quebra”.

Arago

3 – ESPIRITISMO E ECOLOGIA

O Espiritismo se configura como a primeira Doutrina ecologista desde a raiz. À espera do “fim do mundo”, muitas filosofias e religiões desdenharam o trabalho de evolução física do mundo que a Doutrina Espírita reconhece e estabelece como um dos objetivos das reencarnações.

O pensamento egoísta “por que se importar com o que será daqui a 200 anos se eu não estarei mais aqui?” não cabe ao espírita, pois ele sabe – melhor do que outros – que poderá voltar sim, até mesmo antes disso. Independentemente, temos consciência que as faltas contra a Natureza nos serão debitadas, onde quer que estivermos. Nesse sentido, “A GÊNESE” ganha mais um ponto relevante.

PALAVRA ESPÍRITA

Ciência e Religião

”Não pensem que eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas: não vim destruí-los, mas cumpri-los: – porquanto, em verdade eu digo a vocês que o céu e a Terra não passarão, sem que tudo o que se acha na lei esteja perfeitamente cumprido, enquanto reste uma única letra e um único ponto”.

Jesus (Mateus, 5:17-18)

A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra revela as do mundo moral. Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio – que é Deus –, não podem se contradizer. Se fossem a negação uma da outra, uma necessariamente estaria em erro e a outra com a verdade, pois Deus não pode pretender a destruição de Sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens de ideias provém apenas de uma observação defeituosa e de excesso de exclusivismo, de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância.

São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo têm de ser completados; em que o véu intencionalmente lançado sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual e em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, como duas forças que são, apoiando-se uma na outra e marchando combinadas, se prestarão mútua colaboração. Então, não mais desmentida pela Ciência, a Religião adquirirá inabalável poder, porque estará de acordo com a razão, já se lhe não podendo mais opor a irresistível lógica dos fatos.

A Ciência e a Religião até hoje não puderam se entender, porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, reciprocamente se repeliam. Faltava com que encher o vazio que as separava, um traço de união que as aproximasse. Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o Universo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez comprovadas pela experiência essas relações, nova luz se fez: a fé dirigiu-se à razão; esta nada encontrou de ilógico na fé: vencido foi o materialismo. Mas, nisso, como em tudo, há pessoas que ficam atrás, até serem arrastadas pelo movimento geral, que as esmaga, se tentam resistir-lhe, em vez de o acompanharem. É toda uma revolução que neste momento se opera e trabalha os espíritos. Após uma elaboração que durou mais de dezoito séculos, chega ela à sua plena realização e vai marcar uma nova era na vida da Humanidade. Fáceis são de prever as consequências: acarretará para as relações sociais inevitáveis modificações, às quais ninguém terá força para se opor, porque elas estão nos desígnios de Deus e derivam da lei do progresso, que é lei de Deus.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. I, Item 8)

OBRAS COMPLEMENTARES DE ALLAN KARDEC

Revista Espírita – O Que é o Espiritismo – Obras Póstumas

1 – OBRAS COMPLEMENTARES

Além das cinco obras básicas (“O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, “O CÉU E O INFERNO” e “A GÊNESE”), Allan Kardec produziu outras peças literárias, que chamamos de “obras complementares”.

Destaque para a “REVISTA ESPÍRITA” (Jornal de Estudos Psicológicos), “O QUE É O ESPIRITISMO” e “OBRAS PÓSTUMAS” – que exploraremos nesta lição. Um pouco menos conhecidos são os livros: “INSTRUÇÃO PRÁTICA” (que mais tarde deu origem à segunda obra básica, “O LIVRO DOS MÉDIUNS”), “O ESPIRITISMO EM SUA EXPRESSÃO MAIS SIMPLES”, “VIAGEM ESPÍRITA DE 1862”, “O PRINCIPIANTE ESPÍRITA” e “A OBSESSÃO”.

2 – REVISTA ESPÍRITA

A “REVISTA ESPÍRITA” (“REVUE SPIRITE”, no original em francês), ou “Jornal de Estudos Psicológicos”, foi criada por Allan Kardec, juntamente com a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, e teve sua primeira edição lançada em 1 de janeiro de 1858. O codificador sempre esteve à frente da elaboração do periódico até seu desencarne, em 1869. Mesmo após sua partida, o jornal continuou sendo publicado pela Sociedade. Sua divulgação foi interrompida durante o período das Guerras Mundiais (de 1915 a 1917 e de 1940 a 1947). Outra paralisação de trabalho deu-se entre de janeiro de 1977 até maio de 1989, quando a União Espírita Francesa e Francófona (USFF – Union Spirite Française et Francophone), em parceria com o Conselho Espírita Internacional (CEI) ganhou seu registro de direitos autorais. Desde então, a revista é distribuída em diversos idiomas pela CEI. As edições do período de Kardec também foram traduzidas e relançadas pela Editora FEB (Federação Espírita Brasileira).

A revista tem como objetivo fundamental atualizar, debater e divulgar os conhecimentos acerca dos fenômenos e das bases doutrinárias do Espiritismo.

3 – O QUE É O ESPIRITISMO

Este livro foi lançado em 1859 com a intenção de apresentar um resumo dos conceitos espíritas endereçado aos principiantes e de responder questões comuns usadas pelos seus opositores. Contém ainda uma biografia de Allan Kardec assinada por Henri Sausse.

O livro transcreve um diálogo de Kardec com um crítico. Eis uma fração:

Visitante — Caro senhor, confesso que a minha razão recusa admitir a realidade dos fenômenos estranhos atribuídos aos Espíritos, convencido que estou de estes não

terem senão uma existência imaginária. Entretanto, eu me curvaria diante da evidência, se disso tivesse provas incontestáveis; por isso desejo merecer a permissão de assistir somente a uma ou duas experiências, para não ser indiscreto, a fim de me convencer, caso seja possível.

Allan Kardec — Desde que a sua razão repele o que nós consideramos irrecusável, o senhor crê que a própria razão seja superior às de todos quantos não compartilham das mesmas opiniões. Longe de mim o pensamento de duvidar do seu talento e a pretensão de supor minha inteligência superior à sua; que eu esteja iludido, é a sua razão quem diz: e não falemos mais nisso.

V. — Entretanto, se conseguisse me convencer, conhecido que sou como opositores das ideias espíritas, isto seria um milagre eminentemente favorável à causa que defendem.

A. K. — Lamento, caro senhor, porém não tenho o dom de fazer milagres. Julga que uma ou duas sessões bastariam para adquirir convicção? Seria, realmente, um verdadeiro prodígio; eu precisei mais de um ano de trabalho para ficar convencido; o que prova que não cheguei a esse estado inconsideradamente. Além disso, não realizo sessões públicas e parece-me que se enganou sobre o fim das nossas reuniões, visto não fazermos experiências com o objetivo de satisfazer à curiosidade de ninguém.

V. — Então, não procuram fazer seguidores?

A. K. — Para que buscarmos fazê-lo nosso discípulo, quando não o quer ser? Não pretendo forçar convicção alguma. Quando encontro pessoas que sinceramente desejam se instruir e me dão a honra de me pedir esclarecimentos, folgo e cumpro um dever respondendo-lhes nos limites dos meus conhecimentos; mas quanto aos opositores, como o senhor, que têm convicções arraigadas, não tento um passo para arredá-los, atento a que é grande o número dos que se mostram bem-dispostos, para que possamos perder o nosso tempo com aqueles que o não estão. Estou certo de que, diante dos fatos, a convicção há de vir, mais cedo ou mais tarde, e que os incrédulos hão de ser arrastados pela correnteza; por ora, alguns partidários, de mais ou de menos, nada alteram na pesagem; pelo que nunca me verão incomodado para atrair às nossas ideias aqueles que, como o senhor, sabem as razões que têm para fugir delas.

(Cap. I – Primeiro Dialogo: “O Crítico”)

4 – OBRAS PÓSTUMAS

Publicada pela Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas em 1890, onze anos após o desencarne de Kardec, o livro traz uma coletânea de escritos pessoais do codificador acerca dos bastidores do seu trabalho e dissertações diversas. Como “extras”, traz uma biografia de líder espírita e a íntegra do discurso de Camille Flammarion pronunciado no sepultamento do corpo de Kardec.

Entre as dissertações, destaques para o “Estudo sobre a natureza do Cristo” e “As cinco alternativas da Humanidade” (Primeira Parte).

Na segunda parte, o leitor terá uma descrição mais íntima de como foi o trabalho da codificação, o recado sobre “a missão”, a preparação das obras básicas e da direção da Sociedade Espírita.

No encerramento, o “Credo Espírita” dita os “princípios fundamentais da Doutrina Espírita, reconhecidos como verdades inconcussas”.

O chefe do Espiritismo

Mas quem será encarregado de manter o Espiritismo? Quem terá tempo e perseverança necessários para se dedicar ao trabalho incessante que essa tarefa exige? Se o Espiritismo for entregue a si mesmo, sem guia, não será de temer que se desvie da sua rota? e que a maldade – com a qual ainda estará por longo tempo em luta – não procure desfigurar-lhe a essência? Com efeito, esse é uma questão vital e cuja solução se reveste do maior interesse para o futuro da Doutrina.

A necessidade de uma direção central superior – guarda vigilante da unidade progressiva e dos interesses gerais da Doutrina – é tão evidente, que já causa inquietação por não ser visto seu condutor a surgir no horizonte. Compreende-se que, sem uma autoridade moral, capaz de centralizar os trabalhos, os estudos e as observações, de dar a impulsão, de estimular os zelos, de defender os fracos, de sustentar os ânimos vacilantes, de ajudar com os conselhos da experiência, de fixar a opinião sobre os pontos incertos, o Espiritismo correria o risco de caminhar ao léu.

Não somente essa direção é necessária, como também preciso se faz que preencha condições de força e de estabilidade suficientes para afrontar as tempestades.

Os que não admitem nenhuma autoridade não compreendem os verdadeiros interesses da Doutrina. Se alguns pensam poder dispensar toda direção, a maioria, os que não se creem infalíveis e não depositam confiança absoluta em suas próprias luzes, se sentem necessitados de um ponto de apoio, de um guia, ainda que apenas para ajudá-los a caminhar com segurança.

Reconhecida a necessidade de uma direção, de quem receberá poderes o chefe para exercê-la? Será ele aclamado pela universalidade dos adeptos? É coisa impraticável. Caso se imponha por sua própria autoridade, uns o aceitarão, enquanto que outros o recusarão, e podem surgir vinte pretendentes, levantando bandeira contra bandeira. Seria ao mesmo tempo a tirania e a anarquia. Semelhante ato seria próprio de um ambicioso e ninguém conviria menos do que um ambicioso, por isso mesmo orgulhoso, para chefiar uma doutrina que se baseia na abnegação, no devotamento, no desinteresse, na humildade. Colocado fora do princípio fundamental da Doutrina, outra coisa não poderia fazer, senão falsear-lhe a ideia.

É o que inevitavelmente ocorreria se de antemão se não adotassem medidas eficazes a prevenir esse inconveniente.

Admitamos, no entanto, houvesse um homem com todas as qualidades necessárias ao desempenho do seu mandato e que, por uma senda qualquer, chegasse à direção suprema. Os homens se sucedem e não se assemelham; depois de um bom, poderia vir um mau. Com o indivíduo, pode mudar o gênero da direção; sem maus desígnios, pode ele ter modos de ver mais ou menos justos; se entender de fazer que prevaleçam suas ideias pessoais, pode levar a Doutrina a transviar-se, gerar dissidências e as mesmas dificuldades se renovarão a cada mudança. É preciso não esquecer que o Espiritismo ainda não está na plenitude da sua força. Do ponto de vista da organização, é uma criança que mal começa a andar. Insta, pois, sobretudo no princípio, premuni-lo contra os obstáculos do caminho. Mas – poderão dizer –, não virá estar à frente do Espiritismo um dos Espíritos que, segundo foi anunciado, tem que tomar parte na obra de regeneração? É provável; todavia, como esses Espíritos não trarão na frente um sinal para serem reconhecidos; como não se farão reconhecer como tais pela maioria, senão depois de terem morrido, conformemente ao que houverem produzido durante a vida; como, ao demais, não serão perpétuos, se necessário torna prever todas as eventualidades.

É sabido que eles terão uma múltipla missão; que serão de todos os graus da escala espiritual e se encontrarão nos diversos ramos da economia social, onde cada um exercerá

influência a favor das novas ideias, conforme a particularidade da sua posição; que todos, pois, trabalharão pelo ascendente da Doutrina, aqui e ali, uns como chefes de Estado, outros como legisladores, outros como magistrados, sábios, literatos, oradores, industriais, etc.; que cada um dará provas de si onde lhe caiba exercer sua atividade, desde o proletário até o soberano, sem que qualquer coisa os distinga do comum dos homens, a não ser em suas obras. Se a um deles couber tomar parte na direção, é provável que seja posto providencialmente na posição apropriada a fazê-lo chegar lá pelos meios legais que forem adotados; circunstâncias aparentemente fortuitas até lá o conduzirão, sem que de sua parte haja desígnio premeditado, sem mesmo ter ele consciência de sua missão.

Em tal caso, o pior de todos os chefes seria o que se desse por eleito de Deus. Como não é racional se admita que Deus confie tais missões a ambiciosos ou a orgulhosos, as virtudes características de um verdadeiro messias têm que ser, antes de tudo, a simplicidade, a humildade, a modéstia, numa palavra, o mais completo desinteresse material e moral. Ora, a só pretensão de ser um messias constituiria a negação dessas qualidades essenciais; provaria, naquele que se prevalecesse de semelhante título, ou tola presunção, em havendo boa-fé, ou insigne impostura.

Não faltarão intrigantes, pseudoespíritas, que queiram elevar-se por orgulho, ambição ou cobiça; outros que estadeiem pretensas revelações com o auxílio das quais procurem exaltar-se e fascinar as imaginações por demais crédulas. É também de prever que, sob falsas aparências, haja indivíduos que tentem apoderar-se do leme, com a ideia preconcebida de fazerem perder o navio, desviando-o da sua rota. O navio não naufragará, mas poderia sofrer prejudiciais atrasos que se devem evitar.

São esses, sem contestação, os maiores escolhos de que o Espiritismo precisa preservar-se. Quanto maior consistência ele adquirir, tanto mais ciladas lhe armarão seus adversários. É, portanto, dever de todos os espíritas sinceros anular as manobras da intriga que se possam urdir, assim nos pequenos, como nos grandes centros. Deverão eles, em primeiro lugar, repudiar do modo mais absoluto todo aquele que por si mesmo se apresente qual messias, quer como chefe do Espiritismo, quer como simples apóstolo da Doutrina. Pelo fruto é que se conhece a árvore; espere-se, pois, que a árvore dê seu fruto, para decidir se ela é boa e veja-se também se os frutos têm sabor.

Houve quem propusesse que os candidatos fossem designados pelos próprios Espíritos em cada grupo ou sociedade espírita. Além de que este meio não obviaria a todos os inconvenientes, apresentaria outros, peculiares a semelhante modo de proceder, que a experiência já demonstrou e que fora supérfluo lembrar aqui. Não se deve perder de vista que a missão dos Espíritos consiste em nos instruir, para que nos melhorem, porém não em se sobrepor ao nosso livre-arbítrio. Eles nos sugerem ideias, ajudam com seus conselhos, principalmente no que concerne às questões morais, mas deixam ao nosso raciocínio o encargo da execução das coisas materiais, encargo a que não lhes cabe poupar-nos.

Contentem-se os homens em serem assistidos e protegidos por Espíritos bons; mas não descarreguem sobre eles, a responsabilidade que cabe ao encarnado. Esse meio, aliás, suscitaria maiores embaraços do que se poderia supor, pela dificuldade de se fazer que todos os grupos participassem de semelhante eleição. Seria uma complicação nas rodagens e estas tanto menos suscetíveis se mostrarão de se desarranjar quanto mais simplificadas forem.

Então, o problema é o de constituir uma direção central em condições, de força e estabilidade, que a ponham ao abrigo de todas as flutuações; que correspondam a todas as necessidades da causa e oponham intransponível barreira às tramas da intriga e da ambição. Tal o objetivo do plano de que vamos dar um rápido esboço.

Allan Kardec

OBRAS PÓSTUMAS, Allan Kardec – Segunda Parte:
“Constituição do Espiritismo – Exposição de motivos”, Item III)

PRÁTICA ESPÍRITA

Experimentação científica – Evangelização – Institucional

1 – EXPERIMENTAÇÃO CIENTÍFICA

O Espiritismo nasceu da observação e experimentação, como é praxe de qualquer ciência, e preserva esse caráter, conforme assinala Kardec:

“Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo”.

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. I, Item 16)

Assim, uma das práticas espíritas é a constante observação dos fatos correntes.

2 -- EVANGELIZAÇÃO

Nenhuma prática é mais excelsa ao Espiritismo que a evangelização. A Doutrina Espírita esclarece os indecisos, consola os aflitos e fortalece os fieis nesta dura caminhada. No entanto, é imperativo para o espírita a autoevangelização, primeiramente, para depois levar a essência de Jesus Cristo, contida na máxima: “fazei aos outros o aquilo que gostaria que vos fizessem”, a todas as pessoas.

Dentro desse projeto de “reforma íntima”, acrescenta-se o compromisso com a Caridade, tanto material quanto espiritual. Desta forma, estaremos acelerando nosso progresso, bem como o das pessoas ao nosso entorno e ao próprio mundo em que vivemos.

3 – INSTITUCIONAL

Como é sabido, não há no Espiritismo concentração predominante de comando e liderança, nem títulos sacerdotais, nem hierarquia, nem santuários, como é comum nas religiões. O canal religioso é algo inteiramente íntimo e pessoal – a ligação direta de cada um para com Deus. As instituições espíritas (Sociedades, Casas e Centros) nasceram para a colaboração coletiva e atendimento fraterno, fruto do ato de caridade (amor em ação) de

benfeitores. Dessas instituições brotam grandes e eficientes projetos de observação e divulgação pelos esforços de encarnadas e de Espíritos amigos no plano maior.

Encontramos comumente nas instituições espíritas: palestras doutrinárias públicas, curso sistemático da Doutrina Espírita, experimentação mediúnica, atendimento espiritual de harmonização e desobsessão (cura de perturbação espiritual). É comum também a implantação de projetos para assistência social.

O entrosamento dos centros gera organismos agregadores como federações regionais, estaduais e etc. Desta forma, no cenário nacional temos a Federação Espírita Brasileira (FEB) e, mundialmente, o Conselho Espírita Internacional (CEI).

4 – CULTO ESPÍRITA

Não há rituais no Espiritismo, nem sacramentos, nem uso de imagens, símbolos, incensos, velas, etc. Mesmo as orações coletivas são simplesmente vibrações de amor e de fraternidade.

“O Evangelho no Lar” é um roteiro simples para a evangelização coletiva no lar, semelhante aos encontros para meditação do Evangelho nos centros espíritas.

5 – PASSE ESPÍRITA

O passe é uma transmissão de fluidos vitais – energia espiritual – usada para tratamento de harmonização, desobsessão e curas em geral. Os fluidos magnéticos favorecem fisicamente tanto ao perispírito como ao corpo carnal. O passista, impondo as mãos, tanto doa de suas próprias energias como canaliza forças dos mentores espirituais para o assistido.

A prática do passe é milenar. O próprio Jesus fez uso dela e também receitou aos seus discípulos que o usasse. Os estudos científicos modernos acerca do magnetismo tiveram início com o médico alemão Franz Anton Mesmer (1734-1815) e se consolidou com a revelação da Doutrina Espírita.

Com o devido preparo, qualquer pessoa pode ser passista. É comum que os centros espíritas ministrem cursos.

6 – FLUIDOTERAPIA

A água é usada para a captação de fluidos e sua ingestão tem efeitos semelhantes aos de um passe. A composição da água fluidificada tem sido estudada por cientistas como o Dr. Masaru Emoto. Em seu livro “Os Milagres da Água”, ele revela suas descobertas e demonstra por fotografias as diferenças entre porções de água comum e água com magnetizada.

7 – MISSÃO DOS ESPÍRITAS

Acima de tudo, evangelizar-se, para depois trabalhar pela causa.

E evangelizar não é tão somente fazer partidários religiosos, engrossar estatísticas e produzir projetos vistosos através do convencimento – o chamado proselitismo –, mas sim, oferecer as possibilidades para que cada indivíduo conheça a Doutrina, perscrute-a, compare-a e intimamente encontre-se com a Verdade. O Espiritismo é uma ferramenta de iluminação, através da observação e experimentação, mas o convencimento é pessoal.

O codificador até dá dicas do método a ser empregado:

É crença geral que para convencer basta apresentar os fatos. Com efeito, esse parece ser o caminho mais lógico. Entretanto, a experiência mostra que nem sempre é o melhor, pois que a cada passo se encontram pessoas que absolutamente não se convenceram nem com os mais evidentes fatos. A que se deve atribuir isso? É o que vamos tentar demonstrar.

No Espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consecutiva; não é o ponto de partida. Este é precisamente o erro em que muitos adeptos caem e que, muitas vezes, os leva a insucesso com certas pessoas. Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é a existência da alma. Ora, como pode o materialista admitir que vivam seres fora do mundo material estando crente de que, em si próprio, tudo é matéria? Como pode crer que, exteriormente à sua pessoa, há Espíritos, quando não acredita ter um dentro de si? Será inútil acumular as provas mais reais diante dos seus olhos. Todas serão contestadas, porque não admite o princípio.

Todo ensino metódico tem que partir do conhecido para o desconhecido. Ora, para o materialista, o conhecido é a matéria: pois, comecem pela matéria e tratem, antes de tudo, fazendo que ele a observe, de convencê-lo de que há nele alguma coisa que esteja acima das leis da matéria. Numa palavra, cuidem primeiro de torná-lo **espiritualista** para depois o torne **espírita**...

(“O LIVRO DOS MÉDIUNS”, Allan Kardec – Primeira Parte, Cap. III)

É preciso, pois, considerar quem está realmente preparado para absorver os conceitos, ao cabo de poder dizer “eu sei” no lugar de “eu creio”.

Observando a importância do comportamento dos espíritas, Allan Kardec versou sobre o tema e separou em quatro as categorias comportamentais:

- **Espíritas experimentadores:** os que creem nas manifestações e se prendem mais aos fenômenos físicos;
- **Espíritas imperfeitos:** admitem e se admira da filosofia do ensinamento do Espiritismo mas não praticam;
- **Espíritas cristãos:** compreendem e praticam os ensinamentos, buscando o próprio adiantamento e favorecendo aos outros;
- **Espíritas exaltados:** são os deslumbrados e por isso, exagerados em tudo, ao ponto de tornar-se indelicado, agressivo e atrapalhar a causa.

“Nisto todos reconhecerão que são meus discípulos: se se amarem uns aos outros”.

Jesus (João, 13:35)

PESQUISA COMPLEMENTAR

Pesquisar textos externos sobre:

Magnetismo; Passe; Franz Anton Mesmer; Água fluidificada;
Livros: Capítulo III da Primeira Parte de “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, Allan Kardec; “OS MILAGRES DA ÁGUA”, Dr. Masaru Emoto; “LAÇOS DE AFETO”, (pelo Espírito Ermance Dufaux) Wanderley S. de Oliveira.

PALAVRA ESPÍRITA

Purificação íntima

*“Limpem as mãos, pecadores;
e vocês de duplo ânimo, purifiquem os corações”*

(Tiago, 4: 8)

Cada homem tem a vida exterior, conhecida e analisada pelos que o rodeiam, e a vida íntima da qual somente ele próprio poderá fornecer o testemunho. O mundo interior é a fonte de todos os princípios bons ou maus e todas as expressões exteriores guardam aí os seus fundamentos.

Em regra geral, todos somos portadores de graves deficiências íntimas, necessitadas de retificação.

Mas o trabalho de purificar não é tão simples quanto parece.

Será muito fácil ao homem confessar a aceitação de verdades religiosas, operar a adesão verbal a ideologias edificantes... Outra coisa, porém, é realizar a obra da elevação de si mesmo, valendo-se da autodisciplina, da compreensão fraternal e do espírito de sacrifício.

O apóstolo Tiago entendia perfeitamente a gravidade do assunto e aconselhava aos discípulos que limpassem as mãos, isto é, retificassem as atividades do plano exterior, renovassem suas ações ao olhar de todos, apelando para que se efetuasse, igualmente, a purificação do sentimento, no recinto sagrado da consciência, apenas conhecido pelo aprendiz, na soledade indevassável de seus pensamentos. O companheiro valoroso do Cristo, contudo, não se esqueceu de afirmar que isso é trabalho para os de duplo ânimo, porque semelhante renovação jamais se fará tão somente à custa de palavras brilhantes.

Emmanuel

(CAMINHO, VERDADE E VIDA, Francisco Cândido Xavier – Cap. 18)

